

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA**  
**SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**FERNANDA BRITO BAITALA**  
**NICOLLE EMANUELE DE MORAIS**

**CONDIÇÕES DE TRABALHO DE PROFESSORES DE**  
**ESCOLAS NO/DO CAMPO**

**PONTA GROSSA**

**2022**

**FERNANDA BRITO BAITALA**  
**NICOLLE EMANUELE DE MORAIS**

**CONDIÇÕES DE TRABALHO DE PROFESSORES DE  
ESCOLAS NO/DO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção de um título de graduação na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Antônia de Souza

**PONTA GROSSA**

**2022**

**FERNANDA BRITO BAITALA**  
**NICOLLE EMANUELE DE MORAIS**

## **CONDIÇÕES DE TRABALHO DE PROFESSORES DE ESCOLAS NO/DO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de grau de Licenciado em Pedagogia, na Universidade Estadual de Ponta Grossa, pelo Colegiado do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Ponta Grossa, 16 de Dezembro de 2022.

---

Profª Drª Maria Antônia de Souza- Orientadora Doutora em Educação  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

---

Profª Drª Lucia Mara de Lima Padilha  
Mestre e Doutora em Educação  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

---

Profª Drª Luciana Kubaski Alves  
Mestre e Doutora em Educação  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida, por nos iluminar e fortalecer durante toda esta caminhada.

Aos nossos pais e familiares, por todo carinho e paciência durante todo o desenvolvimento deste trabalho, pois sem eles, este momento teria sido um pouco mais árduo. Gratidão por tudo.

Aos nossos colegas e amigos de curso, que estiveram na mesma caminhada e dividiram alegrias e tristezas nesta longa porém significativa carreira acadêmica.

A nossa orientadora, Professora Doutora Maria Antônia de Souza, que desde o primeiro ano de curso nos encantou sobre a Educação no Campo. Agradecer pelo tempo concedido para a construção desta obra, contribuições, indicações e conhecimentos riquíssimos compartilhados.

As professoras Marilei Ferreira; Rosana Aparecida; Fábila; Adriana Veiga e Fabiana Franco que nos relataram sobre suas carreiras profissionais como docentes no campo, que nos inspiraram a conhecer cada vez mais sobre suas realidades.

Por fim, agradecer a todos que de certa forma tiveram uma significativa contribuição para a elaboração deste trabalho, seja direta ou indiretamente.

## DEDICATÓRIA

*Dedicamos a todas as professoras que atuam nas escolas do campo, que lutam bravamente por significativas melhorias dia após dia, e nos ajudaram na construção deste trabalho.*

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar e discutir as condições de trabalho de professores do/no campo. Os objetivos específicos são: entender o que e quais são as condições de trabalho dentro de uma escola; compreender a realidade dos professores da educação no/do campo e analisar as condições de trabalho de professoras que atuam na educação no/do campo. Para os procedimentos metodológicos do trabalho, utiliza-se como base aspectos teóricos, como Machado e Tsuchiya (2021), Kuenzer e Caldas (2009), Souza (2016) e relatos orais via *WhatsApp* com professoras que atuam em escolas do campo no estado do Paraná. Dentro das condições de trabalho dos docentes, são identificadas a precariedade das escolas do campo e o quanto isso prejudica o trabalho dos mesmos, além da aprendizagem do aluno e o funcionamento das escolas. Constata-se que os docentes lutam para uma melhor qualidade de ensino dentro de suas respectivas escolas, juntamente com a comunidade, pois consideram imprescindível que a relação escola-comunidade seja significativa para um objetivo em comum, favorecendo a integração social e oferecendo assim uma formação e desenvolvimento educacional de qualidade, que dê ao sujeito um retorno positivo, com conhecimentos que possibilitem que ele escolha que caminho quer seguir em sua vida, sendo no campo ou na cidade.

**Palavras-chave:** Trabalho docente. Escola Pública Rural. Educação Rural. Educação do Campo.

## **ABSTRACT**

The objective of this work is to analyze and discuss the working conditions of teachers from/in the field. The specific objectives are: to understand what and what are the working conditions within a school; understand the reality of education teachers in/from the countryside and analyze the working conditions of teachers who work in education in/from the countryside. For the methodological procedures of the work, theoretical aspects are used as a basis, such as Machado and Tsuchiya (2021), Kuenzer and Caldas (2009), Souza (2016) and oral reports via WhatsApp with teachers who work in rural schools in the state of Paraná. Within the working conditions of teachers, the precariousness of rural schools is identified and how much this affects their work, in addition to student learning and the functioning of schools. It appears that teachers fight for a better quality of teaching within their respective schools, together with the community, as they consider it essential that the school-community relationship is significant for a common goal, favoring social integration and thus offering training. and quality educational development, which gives the subject a positive return, with knowledge that allows him to choose which path he wants to follow in his life, whether in the countryside or in the city.

**Keywords: Teaching work. Rural Public School. Rural Education. Field Education.**

## **LISTA DE SIGLAS**

**MEC** - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

**INEP** - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS  
ANÍSIO TEIXEIRA

**PNATE** - PROGRAMA NACIONAL DE APOIO AO TRANSPORTE DO  
ESCOLAR

**FNRM** - FATOR DE NECESSIDADE DE RECURSOS DO MUNICÍPIO

**IBGE** - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

**IDEB** - ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

**LDB** - LEI DE DIRETRIZES E BASE DA EDUCAÇÃO NACIONAL

**BNCC** - BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

**SECADI** - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO,  
DIVERSIDADE E INCLUSÃO

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1. CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE NO/DO CAMPO: BREVES APONTAMENTOS TEÓRICOS .....	15
1.1 Formação dos professores e condições de trabalho .....	15
1.2 Infraestrutura das escolas no/do campo e transporte escolar .....	22
1.2 Trabalho docente: desafios COVID-19, comprometimento e desistência .....	27
2. CONDIÇÕES DE TRABALHO DE PROFESSORAS NAS ESCOLAS DO CAMPO: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS .....	36
2.1 O perfil das professoras: formação docente .....	37
2.2 Condições de trabalho nas escolas do campo .....	43
2.3 Relação entre as professoras, a comunidade escolas, as famílias e os alunos .....	48
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	58
4. REFERÊNCIAS .....	61

## INTRODUÇÃO

O contexto histórico da Educação do Campo, é de extrema importância para que possamos compreender ainda mais sobre como ocorreu a construção desta trajetória juntamente com a luta dos povos camponeses por uma educação de qualidade, que foram determinantes para que enfim a educação do campo fosse reconhecida.

Para Molina (2014, p.12):

O movimento da Educação do Campo compreende que a Escola do Campo deva ser uma aliada dos sujeitos sociais em luta para poder e continuar existindo enquanto camponeses e para continuar garantindo a reprodução material de suas vidas a partir do trabalho na terra. Para tanto, é imprescindível que a formação dos educadores que estão sendo preparados para atuar nestas escolas considere, antes de tudo, que a existência e a permanência (tanto destas escolas, quanto destes sujeitos) passam, necessariamente, pelos caminhos que se trilharam a partir dos desdobramentos da luta de classes, do resultado das forças em disputa na construção dos distintos projetos de campo na sociedade brasileira.

Apesar de todos os significativos movimentos sociais que compõem a história da educação do campo, é importante salientar que desde os primórdios do seu desenvolvimento na formulação de políticas, as mesmas seguiram modelos de educação pensado nos sujeitos que residem na cidade, incluindo o material didático que é essencial, além de programas e livros. Ou seja, nunca se pensou que os sujeitos do campo necessitavam de um ensino diferenciado e voltado para a realidade deles, prezando o bem-estar coletivo. Tempos atrás, mais especificamente na época do Brasil Colônia, também classificado como primeiro império, onde a educação jesuíta chefiada por Padre Manoel da Nóbrega, era voltado apenas para aqueles que viviam nas cidades, com "docentes" que eram missionários na época, com o objetivo apenas de doutrinação católica.

Com o início do segundo império, surgiram os primeiros resquícios de instalações em relação às escolas rurais, trazidos de imigrantes europeus para nosso país. Desta maneira, deu-se início a questão dos movimentos populares, segundo Paludo (2005, p. 3), "uma alternativa de projeto cultural e pedagógico, através da educação, ganha forma identitária, constituindo o que mais tarde viria

a ser chamado de Educação Popular”, devido aos conflitos sociais que realização a transferência para a área urbana aqueles conflitos que até então só se concentravam na área rural.

De acordo com Camargo (2016) baseada em Silva (2007) entendemos que a Escola Pública Rural originou-se como meio de romper qualquer pensamento ou ligação que remetesse a monarquia, instituindo assim o ideal da democracia (SILVA, 2007), mas também teve por função a formação de mão de obra para o mercado de trabalho, com a missão de garantir o desenvolvimento e o progresso do país, e fortalecimento do nacionalismo. Sendo assim, teve sua origem no Brasil, período republicano, década de 90, que:

Consistiu em um movimento cujos ideais nasceram inspirados numa concepção positivista de educação, marcada pela crença sistemática na educação como mola propulsora para a modernização da sociedade brasileira. A necessidade de definir um projeto educacional para o país consistia em um dos principais eixos do movimento republicano e dos discursos políticos da época, sendo apontado como a chave para se atingir o pleno desenvolvimento. Temos então o debate em torno da necessidade de encaminhar a organização do Sistema Nacional de Ensino, para fortalecer a unidade nacional. Este momento caracterizou-se pelo predomínio das ideias liberais que indicavam a liberdade individual e econômica como eixos norteadores da modernização (SILVA, 2007, apud Camargo, p. 27).

Além disso, a autora Souza (2011, p.31) nos ajuda a compreender também a diferença entre a Educação Rural e Educação do Campo quando escreve que:

Enquanto a Educação Rural caracteriza-se por práticas educativas isoladas e marcadas pela ideologia do Brasil urbano, a educação do campo adensa-se em função da força da sociedade civil organizada nos planos nacional e estadual, e das experiências coletivas na escola e fora dela.

Nesse sentido, fica entendido que a Educação do Campo focaliza em sua população procurando atender as demandas presentes e suas especificidades, possui um coletivo forte pensando em suas realidades, ou seja, ela é pensada no campo e em seus povos. A Educação Rural mostra e nos traz mais a precariedade do campo, valorizando mais o ambiente urbano, aumentando a

desvalorização do campo e o incentivo para o desenvolvimento da educação e da população que reside nesta área.

Souza (2016) em capítulo sobre Educação do Campo no Brasil faz contrastes entre educação rural e educação do campo, nos permitindo identificar a expressão destes dois projetos societários sendo elas matrizes teóricas distintas. A educação rural possui uma matriz idealista com vínculo em projetos hegemônicos que visam o capitalismo no campo como sinal de desenvolvimento, não possuindo participação e protagonismo dos próprios sujeitos do campo, onde é possível identificar questões que fazem com que a educação rural fosse identificada como precária em diversos aspectos, como a mudança de nomenclatura de escolas onde a coordenação pedagógica e o corpo docente não possuíam nenhuma discussão sobre o PPP (projeto político-pedagógico) da própria escola com os principais interessados, que seriam os sujeitos do campo, e além disso, são os mesmos que seriam responsáveis para levar o avanço para o campo, e sobretudo conter o progresso de migração do campo para a cidade, pois os sujeitos do campo neste fundamento de educação rural, tinha sinônimo de atraso, e com esta preocupação, é prescrito uma educação totalmente e diretamente necessária para ele, pois esta modalidade de educação restringia-se à escola e também aos projetos de extensão rural.

Enquanto isso, a educação do campo também é vinculada em um projeto de desenvolvimento, porém voltada à formação humana e sustentabilidade, tendo participação ampla de relações e movimentos sociais, sendo originados do diálogo entre as organizações, movimentos de trabalhadores e competências governamentais, trazendo contribuições como políticas educacionais, públicas e práticas pedagógicas, como reconhecimento da licenciatura em educação do campo; criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD); construção de diretrizes curriculares e principalmente a conquista do PRONERA, que apoia diversos projetos voltados ao desenvolvimento das áreas de reforma agrária, em todos os níveis de ensino, como alfabetização e escolarização de adultos e jovens além de capacitação de educadores, pois diferente da educação rural, a educação do campo têm os sujeitos do campo como principais protagonistas da história e da escola, onde a produção coletiva do conhecimento é extremamente valorizada, pois há uma preocupação com a formação humana dos sujeitos, não

restringindo-se apenas à educação escolas. Além disso, os movimentos sociais investigam a gestão escolar, o processo pedagógico do mesmo, a autenticidade das escolas rurais, protagonizando experiências em comum.

A partir deste capítulo, é necessário entender que os dois fundamentos, tanto da educação rural quanto da educação do campo, seguem fortes na prática escolar juntamente com a política, pois a educação do campo interroga a educação rural, sendo antagônicas. Na educação rural, a relação entre professor-alunos é de hierarquia, porém voltada ao cuidado do aluno, sendo as aulas planejadas e centradas a partir do livro didático idealizado pela ideologia do Brasil urbano. Enquanto na educação do campo a relação de educadores e educandos é dialógica, porém tem-se muito o que desenvolver, e quanto ao planejamento, há preocupação com a construção coletiva e planejamento do PPP no ensino, buscando também um material didático que valorize a cultura e identidade dos povos do campo. Desta forma, é necessário entender que o campo não defende a separação ou a supervalorização do campo, mas sim a valorização e caminhos que sejam excepcional para ambas as partes.

Neste trabalho tratamos das condições de trabalho dos professores que atuam na escola do campo, tendo como nosso problema de pesquisa: “Quais e como são as condições de trabalho dos professores das escolas no/do campo?”. Estas condições envolvem questões como transporte para o acesso à escola, infraestrutura, formação inicial e continuada dos professores, relação família-escola e também comunidade, materiais didáticos, salário e em um momento mais específico, temos o período pandêmico da Covid-19, buscando compreender como os professores vivenciaram o mesmo e o que foi alterado nas condições de trabalho na escola.

O problema tem origem durante a pandemia da Covid-19, por verificarmos que professores que atuam/residem no campo e os alunos foram afetados neste período devido ao novo processo de ensino, ou seja, a utilização de plataformas e tecnologias no desenvolvimento de ensino-aprendizagem. Com essa mudança as condições de trabalho dos professores foi prejudicada, pois muitos não tinham acesso aos equipamentos necessários e nem acesso a internet ou a uma que fosse de qualidade para utilizar as plataformas. Além disso, por mais que o

professor tivesse um pouco de acesso, a maior parte dos alunos não tinham esse acesso para utilizar as plataformas e realizar as atividades que seriam preparadas pelo professor.

Os objetivos deste trabalho são entender o que são as condições de trabalho dentro de uma escola; compreender a realidade dos professores que trabalham nas escolas do campo no que diz respeito às condições de trabalho. Para os procedimentos metodológicos foram utilizados estudos de textos (artigos, capítulos, livros e trabalhos de conclusão de curso) e relatos orais com cinco professoras que trabalham em escolas do campo, em municípios da Região Metropolitana de Curitiba, no estado do Paraná. Os relatos orais foram coletados no período de três meses e versaram sobre “escola localizada no campo”; “condições de trabalho docente na escola localizada no campo”; “práticas pedagógicas” e “trabalho no contexto pandêmico”.

O trabalho está estruturado em dois capítulos. No primeiro capítulo são abordadas as condições de trabalho dos professores que atuam nas escolas do campo a partir de aspectos teóricos, envolvendo todas as questões que de alguma forma interferem nesta condição de trabalho, além do contexto histórico para entendermos como surgiu a educação do campo em diversos períodos da história da humanidade.

O segundo capítulo foi destinado a relatos orais realizados via grupo coletivo por *Whatsapp*, com cinco professoras, sendo uma doutora, uma mestre e uma mestranda, e duas doutorandas, que trabalham em escolas do campo situadas nos municípios no Estado do Paraná. Os relatos das professoras foram de grande importância para nossa pesquisa, pois estão relacionados ao nosso tema e podemos ficar cientes de experiências vivenciadas no dia a dia que geram grande influência no trabalho do professor e na educação do aluno.

# **1. CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE NO/DO CAMPO: BREVES APONTAMENTOS TEÓRICOS**

## **1.1 Formação dos professores e condições de trabalho**

O presente capítulo tem por objetivo abordar sobre a realidade da condição de trabalho dos professores que atuam na Educação do Campo, ele nos traz aspectos relevantes para que possamos entender que a qualidade do ensino ofertado também depende desta condição de trabalho do profissional docente. Para realizarmos esta primeira parte do trabalho, tomamos como base alguns autores que discutem sobre este assunto e que nos trazem exemplos de como são estas condições de trabalho do professor da escola do campo. Para este capítulo os principais autores que utilizamos como base nos estudos de suas obras foram: Souza (2016), Machado e Tsuchiya (2021), Kuenzer e Caldas (2009) que possuem um capítulo no livro “Educação em Debate” de Prado, Souza e Ferreira (2009).

Machado e Tsuchiya (2021) nos trazem informações sobre as condições de trabalho do professor que atua no campo, condições estas, que envolvem a escola num parâmetro geral, desde as particularidades do trabalho do professor até parte de infraestrutura da escola. Para entendermos melhor sobre as condições de trabalho, utilizamos um capítulo de Kuenzer e Caldas (2009) que está no livro de Prado, Souza e Ferreira (2009), no qual as autoras nos trazem uma visão sobre o que é esta condição de trabalho e tudo que a engloba no ambiente escolar, tornando o entendimento mais amplo e realista.

Para falarmos de condições de trabalho do professor é importante conhecermos sobre esse profissional, então além de autores que nos falam sobre as condições de trabalho utilizamos um trabalho da autora Caldart (2004), o qual nos fala sobre o educador do campo, quem é, qual seu objetivo ao realizar seu trabalho que envolve os alunos, a comunidade, tornando assim, a formação humana seu ponto principal. Voltado aos profissionais que atuam nessas escolas, Patto (2013) disserta sobre a formação continuada e inicial de docentes em ambas as modalidades: presencial e a distância, e como o tipo de formação interfere na experiência e método de ensino dos mesmos.

Além das condições de trabalho, Molina (2014), dentro do contexto histórico, nos traz sobre o movimento da Educação do Campo, o qual nos ajuda a compreender melhor esta realidade e a luta diária das pessoas que residem no campo. Ainda relacionado aos contextos históricos, Souza (2009) nos relata sobre a Educação no Campo, mas principalmente com ênfase nos movimentos sociais que surgiram ao longo do processo de construção da educação rural e também do campo.

Com base nestes estudos, pudemos perceber que o professor da escola do campo, para aplicar uma boa aula e com qualidade, depende de muitos fatores que iremos apresentar no decorrer do trabalho

Segundo Caldart (2004, p.158):

o educador do campo deve ser “aquele cujo trabalho principal é o de fazer e o de pensar a formação humana, seja na escola, na família, na comunidade, no movimento social” (p. 158). Para a autora, a formação humana dos sujeitos é um dos focos principais na atuação dos educadores/professores.

Antes de iniciarmos a fala sobre as condições de trabalho dos professores, vamos abordar brevemente sobre o conceito da Educação do Campo, sendo de extrema importância para que possamos compreender ainda mais sobre como ocorreu a construção desta trajetória juntamente com a luta dos povos camponeses por uma educação de qualidade, que foram determinantes para que enfim a educação do campo fosse reconhecida. Vejamos o que Munarim (2008) nos diz sobre o conceito de educação do campo:

O conceito de “Educação do Campo”, que, na essência, quer valorizar os sujeitos educandos como sujeitos constituídos de identidades próprias e senhores de direitos, tanto de direito à diferença, quanto de direito à igualdade, sujeitos capazes de construir a própria história e, portanto, de definir a educação de que necessitam.

O campo foi associado como um espaço de oportunidades para atividades econômicas e lucro, o que corroborou para o olhar de uma educação de cartilha tecnicista que se “reduziu ao atendimento de necessidades educacionais elementares e ao treinamento de mão de obra” (MEC, 2007, p.10).

Segundo as autoras Kuenzer (2004) e Caldas (2007) entendem-se por condições de trabalho o conjunto de recursos que possibilita uma melhor realização do trabalho educativo, e que envolve tanto a infraestrutura das escolas, os materiais didáticos disponíveis quanto os serviços de apoio aos educadores e à escola.

Posteriormente, este capítulo contará com assuntos que fazem diferença dentro da condição de trabalho dos professores do campo, sendo eles, essenciais para a qualidade do ensino. Teremos a discussão de assuntos como transporte, material didático ofertado especificamente para os sujeitos camponeses, formação inicial e continuada destes profissionais, a baixa qualificação e também sobre a desistência dos profissionais que atuam nesta área e os possíveis motivos que causam, junto com a desistência, uma desmotivação com o passar do tempo de trabalho.

Uma questão relevante que não poderíamos deixar de discutir é sobre os professores que atuam nas escolas do campo, qual a formação de professores e sua qualificação. É importante ressaltar que em algumas situações os professores que atuam nas escolas do campo não possuem uma formação adequada ou completa assim como os professores de escolas urbanas. Então, para que não haja uma diferença significativa entre estes profissionais de diferentes realidades, é necessário um investimento significativo em ambos em suas áreas específicas, deixando visível que os professores das escolas do campo também são essenciais e podem fazer a diferença na educação das crianças e jovens que fazem parte desta vivência, sendo eles os maiores idealizadores para uma boa qualidade de ensino nesta região.

Machado e Tsuchiya (2021) que citam dados do INEP (2007) sobre o ano de 2005, mostravam já naquele momento, que 75% dos professores que atuavam nas séries iniciais do Ensino Fundamental (1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup> série) nas áreas rurais, possuíam formação de nível médio completo e que apenas 21,6% dos professores dessas escolas tinham formação superior. Nas séries finais do Ensino Fundamental (5.<sup>a</sup> a 8.<sup>a</sup> série), o percentual de docentes com apenas o Ensino Médio completo correspondia a 46,7% do total, e apenas 53,1% possuíam Ensino Superior completo.

No livro organizado por Maria Antônia de Souza (2016) intitulado "Escolas públicas no/do campo: letramento, formação de professores e prática pedagógica" existem diversos textos referentes a este tema. O que nos chamou atenção foi o texto intitulado "formação de professores das escolas localizadas no campo em municípios da Região Metropolitana de Curitiba" com autoria de Maria Antônia de Souza; Kátia Aparecida Seganfredo; Regina Bonat Pianovski; Rosana Aparecida da Cruz, Maria Iolanda Fontana e Camila Casteliano Pereira, onde iniciam dissertando sobre o letramento de professores que atuam em cinco escolas localizadas no campo que possuíam o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) relativamente baixo. Além disso, é composto por três eixos temáticos, sendo eles a formação do professor, a prática pedagógica e as condições de letramento dos mesmos.

Sobre a formação de professores, a maioria apontou como formação em magistério a mais importante para a atuação em docência, que de certa forma teve uma contribuição enorme para a graduação em pedagogia. Os que não possuem magistério, são formados em diversos cursos do ensino superior, como História, Matemática, Geografia, Artes e Pedagogia. Porém, o que nos chamou a atenção foi o relato dos professores sobre o que menos contribuiu para o desenvolvimento deles em sala de aula, e o mais citado foi o curso de pós-graduação seguido de grupos de estudo na própria escola, mas o que mais contribuiu para todos foram as especializações, principalmente com ênfase em alfabetização e letramento.

Em questão desta especialização que tem contribuído especificamente para os docentes que atuam no campo, o governo federal oferece dois cursos nesta área: o Pró-Letramento que é um curso de formação continuada para professores das escolas públicas de todo o Brasil, criada em 2005, com parceria do Ministério da Educação e de universidades que integram a Rede Nacional de Formação Continuada. Este em questão desenvolve a melhoria da qualidade da aprendizagem dos educandos, sendo na escrita e também na matemática no ensino fundamental, tudo isso funcionando na modalidade semipresencial, o que de certa forma dificulta um pouco mais o acesso para os estudantes do/no campo. O segundo curso seria o Plano Nacional de Alfabetização da Idade Certa (PNAIC), que tem como objetivo principal a alfabetização em Língua Portuguesa

e Matemática dos educandos até o 3º ano do Ensino Fundamental, em escolas municipais e estaduais, tanto urbanas quanto rurais. Ambos os cursos fazem com que os docentes repensem sua prática pedagógica, aprendam novas metodologias de ensino e principalmente novos critérios de avaliação, fazendo com que o vínculo entre os estudantes e a própria escola não se desgaste. Estes cursos em questão (PNAIC e o Pró-Letramento) são citados e relatados pelas professoras que contribuíram para o capítulo que foi citado anteriormente.

Sendo os docente de origem do campo ou não, a preferência por uma formação continuada e inicial a distância é sempre mais procurada, com a justificativa de que o acesso às universidades é adversa, pois a maioria das universidades que oferecem a modalidade presencial são localizadas nas capitais e grandes centros urbanos, fazendo com que os docentes recorrem a mais tempo, transporte, e um melhor financeiro para custear todo o deslocamento. O texto ainda faz referência ao artigo da autora Maria Helena de Souza Patto, intitulado "O ensino a distância e a falência da educação", onde relata que este tipo de modalidade faz com que a experiência da docência seja empobrecida, formando um pensamento de certa maneira homogêneo. A mesma não é contra esta modalidade de educação, mas salienta que é fundamental uma crítica a este processo no contexto da sociedade capitalista que vivemos.

A questão é: independente se o docente realizou sua formação inicial e continuada na modalidade a distância ou presencial, o fato é que em nenhum momento o seu desenvolvimento foi mediado pela concepção da Educação do campo, sendo totalmente de caráter único e visão genérica, apenas alterando e adaptando na organização do trabalho pedagógico. Matrizes como: terra, cultura, trabalho, vivência da opressão e movimentos sociais devem se investigar a partir das mesmas, pois o país em que vivemos não está reduzido apenas ao espaço urbano. Ou seja, é imprescindível que a Educação do Campo, sendo um movimento político e também pedagógico, precisa estar totalmente presente na escola pública que está localizada no campo, além de ser entendida como a resistência histórica da desigualdade dos povos do campo.

Diante do texto publicado no livro, fica nítida as diversas fragilidades que a formação inicial e continuada para os docentes do campo apresenta, como as políticas públicas, baixa remuneração de professores e também a má preparação das equipes que constituem as secretarias municipais de educação, fazendo com que a classe dos professores se torne cada vez mais desigual.

A formação de professores é tema em todas as pautas de debates e proposições. Isto porque é fato histórico o significado da ausência de docentes ou sua formação precária na construção da escola rural. Mudar tal cenário é condição fundamental para um projeto que se oriente pelos princípios e práticas da Educação do Campo (ANTUNES-ROCHA, 2009, p.389).

Desta maneira, é compreensível que a formação inicial dos docentes se dá na ênfase do magistério, contribuindo extremamente para a prática pedagógica, e a formação continuada é predominantemente na modalidade a distância. Além disso, a maior parte dos docentes é morador da região rural, embora também registre horas de deslocamento para chegar até a escola. E a maior problemática diante desse assunto seria sobre a concepção da educação do campo, pois os professores como desconhecem o mesmo ficam reféns das políticas educacionais questões localizadas neste ambiente, que também são gerenciadas por profissionais que também desconhecem esta concepção. Assim como descreve Antunes-Rocha (2009, p.395):

A realidade do campo exige um educador que tem compromisso, condições teóricas e técnicas para desconstruir as práticas e ideias que forjaram o meio e a escola rural. Nesse sentido, as necessidades presentes na escola do campo exigem um profissional com uma formação mais ampliada, mais abrangente, já que ele tem que dar conta de uma série de dimensões educativas presentes nessa realidade.

Em relação a prática pedagógica desenvolvida nas escolas, é necessário que esteja alinhada às práticas de Educação Básica do Campo, pois a Educação do Campo tem um compromisso com a luta, com a vida e principalmente com os movimentos sociais, buscando construir um espaço onde os sujeitos que vivem ali tenham dignidade, e nisso entra a escola, contribuindo para a inserção de docentes na transformação da sociedade e principalmente resgatando os valores do povo que se contrapõe a realidade vivenciada na zona urbana, que seria o individualismo e o consumismo. Além disso, é na escola do campo que se tem um espaço privilegiado para manter a memória do povo que mantém-se

viva ali, valorizando assim os saberes e promovendo a expressão cultural onde os sujeitos estão inseridos.

Quando falamos em profissionais da educação, que são os professores, temos a ciência de que eles não param de estudar, aperfeiçoar e adquirir conhecimentos novos durante todos os anos de atuação profissional, pois ele será um dos responsáveis pela passagem de conhecimentos aos alunos que estarão presentes em sua vida, seja por um curto ou longo período de tempo.

Com isso, é necessário que o docente se prepare da melhor maneira possível para atingir os objetivos de uma prática pedagógica bem elaborada e aplicada, que os ensinamentos ocorram de uma maneira relevante e torne a aprendizagem significativa, aproximando-se verdadeiramente da realidade do aluno do campo e entendendo suas especificidades.

Ao falarmos da realidade do aluno, podemos considerar que ter o olhar para tal realidade é um ponto muito relevante para a prática pedagógica do professor. A partir do momento em que o profissional docente conhece a realidade de seus alunos e de si mesmo, a prática dele em sala de aula muda, tornando-a mais valiosa para ambos. Desta forma, ao ter conhecimento dos saberes da vida cotidiana dos seus educandos, é viável que o docente terá mais recursos para construir planejamentos de ensino, selecionar textos para estudo, organizar a aula e o processo pedagógico.

Na educação do campo, com a luta constante para superar as precariedades presentes, o professor deve ter esse olhar para seu(s) aluno(s), proporcionando à ele(s), através de suas práticas pedagógicas, uma maneira de entender e realmente aprender e não simplesmente aceitar que o aluno não aprende de determinada maneira que o conteúdo é passado e continuar com o mesmo método. Quando o professor entende que as realidades de cada aluno são diferentes e ele começa a aplicar isso em sala de aula, o processo de ensino aprendizagem começa a fluir de uma forma mais rica.

Nesta perspectiva, podemos perceber que para ser professor não basta ter apenas uma formação no magistério ou finalizar em uma formação superior. Ser professor é algo que se constrói cotidianamente na prática pedagógica, que

visa atingir objetivos para o processo educativo, tendo uma formação continuada voltada, por exemplo, aos processos de ensino aprendizagem, a qual auxilia no processo dessa aprendizagem, pois assim como alunos da zona urbana, os alunos da zona rural têm muitas especificidades, principalmente por alguns não conseguirem ir diariamente até a escola, assim como o professor também não consegue. O docente que está sempre atualizando seus estudos, buscando especializações na área em que atua, está cada vez mais preparado para lidar com situações rotineiras ou não que podem surgir de maneiras diferentes em seu cotidiano, crescendo profissionalmente e pessoalmente com suas vivências profissionais e pessoais, ainda mais na realidade do campo, onde o professor também precisa lidar com situações fora do âmbito escolar, e às vezes necessitando ir até a residência dos alunos a fim de continuar seu trabalho de ensino, quando discentes não conseguem ir até a escola por motivos diversos, principalmente no contexto pandêmico, onde o papel do professor mudou. Sendo assim, é necessário a implementação de políticas públicas que fortaleçam a equipe escolar das instituições de ensino, pois é necessário que o professor tenha este apoio para que possa ter uma formação continuada de qualidade.

## **1.2 Infraestrutura das escolas no/do campo e transporte escolar**

Uma escola de qualidade e com uma boa condição de trabalho depende também de alguns recursos básicos que estejam em condição de uso e sempre que necessário estejam disponíveis para os professores utilizarem com os alunos. Ao falarmos de recursos básicos, estamos nos referindo a serviços como água encanada, energia elétrica, esgoto e coleta de lixo, ou seja, saneamento básico, os quais irão manter a escola com uma qualidade adequada para a permanência dos profissionais que atuam nesta escola e dos alunos que estão diariamente estudando em suas salas de aula.

Machado e Tsuchiya (2021), que tiveram como base INEP, com relação aos serviços disponíveis, enquanto em 93% das escolas urbanas públicas há água encanada, 100% têm acesso à energia, 65% têm esgoto e em 99% a coleta de lixo é periódica, nas Escolas do Campo esses números caem brutalmente. Só 30% delas têm água via rede pública, 87% têm energia elétrica, apenas 5%

têm acesso a esgoto canalizado e somente 34% têm seu lixo coletado regularmente.

Segundo os autores, existem escolas rurais que estão há muitos anos sem manutenção, visto que os recursos para estas escolas, principalmente aquelas com uma quantidade pequena de alunos, são escassos diante das suas necessidades.

Machado e Tsuchiya (2021), com base no INEP, afirmam que ao falarmos sobre o ambiente escolar podemos nos referir a espaços como laboratório de ciências, biblioteca, quadra de esportes e também sala para atendimento especial e multifuncional, os quais são recursos que também estão em escassez nas escolas do campo e não fazem parte desta realidade. Apenas 14% (8.209 escolas) possuem biblioteca, 1% (846 escolas) têm laboratório de ciências, 13% (7.538 escolas) quadra de esportes e 8% (4.800 escolas) dispõem de sala para atendimento especial. Estes, são espaços importantes para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, possibilitando uma aprendizagem mais ampla em variadas matérias e nos conteúdos que as englobam. Para o professor, há uma variedade de atividades diferentes que podem ser desenvolvidas nestes ambientes, tornando a aula mais lúdica, a aprendizagem mais significativa e mais leve para o aluno e também para o professor. Infelizmente não são todas as escolas do campo que têm a possibilidade de ter esses espaços para que os professores utilizem com seus alunos.

Em relação aos materiais didáticos das escolas do campo, os professores e alunos utilizam, hoje em dia, os materiais que são usados nas escolas das cidades, porém, a prática pedagógica se modifica de acordo com a realidade desses profissionais e dos alunos. Desde 2015 em nosso país, esteve disponível o guia de livros didáticos para escolas do campo, onde traz resenhas e avaliações de com abordagem que considera a realidade social, cultural, ambiental, política e econômica dessa parcela da população. Para realizar e montar atividades diversificadas com os alunos que frequentam as escolas urbanas, tem muitas opções de materiais, pois o colégio oferta e os alunos também levam para a escola o que for necessário e solicitado pelo professor. Mas tratando da escola do campo, se o aluno precisa levar estes materiais, isso

se torna um ponto mais delicado, pois sendo uma educação mais precária, dificilmente eles têm acesso a materiais diversificados e atualizados como existe nas escolas urbanas. Para o professor também é algo mais complicado e mais limitado, raramente ele irá receber essa diversidade de materiais ou terá condições de comprá-los para todos os seus alunos utilizarem, fazendo com que ocorra uma falta significativa no ensino.

A partir disto, fica nítida a diferença da infraestrutura das escolas do campo com escolas urbanas. Há diferença de recursos para que o professor possa usufruir de diferentes ambientes na escola desenvolvendo, aplicando diferentes atividades e passando novos conhecimentos e experiências às crianças. Os alunos e professores do campo continuam em desvantagem, pois o que era necessário para facilitar a aprendizagem está fora do alcance de todos. Infelizmente essa precariedade nos recursos que são mínimos para uma escola e a falta de materiais, pode ocasionar o seu fechamento, logo, prejudica os professores e alunos que respectivamente estão trabalhando e estudando. Então, segundo Machado e Tsuchiya (2021), nesse sentido, há grande necessidade de que as políticas públicas de Educação do Campo sejam intensificadas, promovendo ações afirmativas para a formação inicial e continuada de docentes que atuam em Escolas do Campo.

O professor merece e precisa de um ambiente escolar digno, com boas condições de trabalho para desenvolver suas atividades e projetos, entretanto, sabemos que a falta de colaboração de políticas públicas e incentivos para o melhoramento das escolas do campo impedem a melhora e o desenvolvimento dessas escolas, sendo eles serem esquecidos pela maior parte da sociedade, que concentra a educação de qualidade e melhorias apenas no espaço urbano.

É imprescindível que exerçamos um olhar mais atento também sobre o transporte escolar nas escolas situadas no campo, pois o mesmo mostra-se ser um dos principais problemas enfrentados tanto por alunos quanto pelos próprios professores, para chegarem ao seu destino. Há docentes que moram na cidade e se deslocam para o campo, para trabalhar em uma ou mais de uma escola e infelizmente professores que pedem locomoção de escola devido à dificuldade

de acesso à escola e falta de ajuda de custo. Antes de dialogarmos sobre este tema, devemos entender melhor a sua definição.

Após a leitura do livro "Princípios e concepções da Educação do Campo" das autoras Janisse Vidro e Liziany Muller Medeiros (2018), analisamos que o transporte escolar que é realizado e disponibilizado na zona rural é utilizado por alunos e também professores da rede pública de ensino, que residem, estudam e também atuam nas áreas rurais. O veículo (na maioria das vezes micro-ônibus, van, ônibus ou kombi) percorre próximo às residências ou pontos de embarque, sendo o tempo de permanência em transporte que não ultrapasse 1 hora e 30 minutos diários, que de certa forma já é um tempo que os estudantes poderiam já estar na escola e estudando.

Garantir o acesso dos professores e dos alunos até as escolas é algo de suma importância e para que isso ocorra da maneira correta, existe o PNATE:

O Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar (Pnate) foi instituído pela Lei no 10.880, de 9 de junho de 2004, com o objetivo de garantir o acesso e a permanência nos estabelecimentos escolares dos alunos do ensino fundamental público residentes em área rural que utilizem transporte escolar, por meio de assistência financeira, em caráter suplementar, aos Estados, Distrito Federal e municípios (INEP, 2005)

Assim como citado anteriormente, o programa é realizado através de recursos que são repassados para as prefeituras dos municípios de maneira automática, sendo necessário que os mesmos informem no Censo Escolar os alunos que residem em área rural e que utilizam o transporte escolar. Em questão dos valores destinados aos municípios para a melhoria deste serviço, é definido com base no índice FNRM (Fator de Necessidade de Recursos do Município) tornando mais justa a distribuição dos recursos, considerando fatores como: percentual da população rural e área do município (IBGE); percentual da população abaixo da linha da pobreza (IPEADATA) e o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Estes recursos são liberados entre os meses de fevereiro a novembro de cada ano, totalizando 10 parcelas e sendo 100% destinados para o curso do transporte escolar, especificamente para o seguro, licenciamento, impostos/taxas, pneus, serviços de mecânica em geral e combustível.

Na monografia de Battezzati e Freitas (2011) intitulada “O transporte escolar e sua influência no aprendizado do aluno do campo” apontam as dificuldades de acessibilidade dos alunos e professores das escolas rurais:

Quando se considera a trajetória e as dificuldades que muitos estudantes e docentes da zona rural têm para chegar à sala de aula, geralmente devido a distância entre as escolas e residências e em decorrência das más condições das estradas, quase sempre inapropriadas para a locomoção dos veículos, parece ficar evidente a incoerência estabelecida na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional - Lei 9394/96 - que, no Artigo 3º, inciso I, garante a igualdade de condições para o acesso e a permanência dos estudantes da educação básica às escolas, pois a maioria dos professores da rede estadual que leciona na área rural do Paraná reside na zona urbana, portanto precisam utilizar o transporte escolar como meio para acesso às escolas rurais.

Analisando a citação anterior com a realidade vivenciada nas escolas do campo, fica nítida a incoerência. Considerando o trajeto extenso que alunos e professores realizam para chegar até a sala de aula decorrente de más condições nas estradas de terra (onde boa parte é também administrada por grandes proprietários de terra das redondezas). Mesmo tendo uma ajuda financeira, alguns docentes percebem que o custo de locomoção de onde vivem até a escola torna-se insuficiente, além do tempo de todo o percurso, o que evidentemente ocasiona um fluxo elevado de rotatividade de professores, fazendo com que a organização dos conteúdos disciplinares sejam totalmente prejudicados, além do ritmo de ensino-aprendizagem dos alunos, onde é necessário aguardar até o próximo docente retomar o que foi trabalho anteriormente.

Algumas políticas públicas como a do "Transporte Escolar para Todos" tem tentado amenizar estes problemas que interferem diretamente no ensino-aprendizagem, porém é necessário que órgãos competentes preocupem-se também com a comunidade do campo, pois é notório a desvantagem de discentes e docentes que vivem no campo em relação aos que vivem na zona urbana, sendo que em dias de chuva não existe a possibilidade de destinar-se até a escola, devido as estradas precárias e mal funcionamento dos veículos que fazem a ida e volta do trajeto, onde até os professores são prejudicados e também prejudicam porque precisam faltar às aulas.

Desta maneira, é necessário que ocorram melhorias neste âmbito, pois somente assim será possível manter e encontrar educadores motivados e que reconheçam o seu valor, pois eles fazem a diferença não só dentro da escola onde atua, mas também em toda a comunidade em torno da escola. Segundo Caldart (2004): “o educador do campo deve ser aquele cujo trabalho principal é o de fazer e o de pensar a formação humana, seja na escola, na família, na comunidade, no movimento social” (2004, p. 158).

Ou seja, além de ministrar as disciplinas então designadas pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular), é evidente que o educador também desenvolve um papel contra-hegemônico, para que seus alunos sejam emancipados, que pensem além do que está sendo vivido ali na sua realidade, principalmente na formação dos sujeitos e na organização político-social. É importante que o profissional reflita sobre os problemas sociais existentes naquele ambiente e seja capaz de propor alternativas para a sociedade.

Portanto, a presença do educador que incentiva seus alunos e os forma para pensar de uma maneira transformadora é essencial para uma formação significativa. O incentivo deve ocorrer em todas as instituições escolares, inclusive na escola do campo, a qual o professor, sabendo da realidade, deve sempre incentivar os seus alunos e também ser incentivado, para que não haja desistência por parte de ambos, podendo haver uma transformação apreciável na educação, na vida dos alunos e na sociedade em geral.

## **1.2 Trabalho docente: desafios COVID-19, comprometimento e desistência**

Além de todas as questões que foram citadas e colocadas acima como influências para a condição de trabalho do professor (formação dos docentes, infraestrutura das escolas do campo, materiais didáticos e transportes à escola do campo), chegamos em uma discussão sobre a desistência dos professores da educação do campo. Sabemos que ser professor carrega uma responsabilidade muito grande e além desta responsabilidade, há muitas demandas a serem cumpridas e seguidas, entre outras questões, as quais muitas vezes interferem na satisfação do professor em seu trabalho e acabam aproximando a desistência como sendo o caminho mais simples. Com as

dificuldades enfrentadas pelo professor da escola do campo, isso se torna um assunto de muito valor. A partir da leitura do capítulo “Trabalho docente: comprometimento e desistência” escrito por Kuenzer e Caldas (2009) do livro “Educação em Debate” das autoras Prado, Souza e Ferreira (2009) pudemos entender melhor sobre tal desistência por parte dos professores.

Primeiramente, a desistência não ocorre por apenas um motivo, mas sim por ene motivos, como por exemplo a desvalorização, sendo ela do trabalho realizado pelo professor, do seu ambiente de trabalho, que neste caso é a escola do campo, a precariedade no trabalho, baixos investimentos na educação, até mesmo a desvalorização do próprio profissional docente que atua nestas escolas, entre outros que podem ocorrer durante o trajeto profissional.

Com as dificuldades enfrentadas pelo professor da escola do campo, esse assunto se torna uma discussão de muito valor, pois sabemos que por mais que eles queiram ofertar uma educação de qualidade, não é sempre possível alcançá-la com a difícil realidade que vivem. Existem algumas escolas do campo que possuem atividades que são multisseriadas, ou seja, o professor aplica suas aulas, limpa a escola e ainda cozinha para os alunos, além de ter alunos de diversos níveis de escolaridade, o que torna a carga de trabalho do professor maior e em algumas vezes, pode ocasionar no desgaste do professor e desanimá-lo com o tempo, além do preparo das aulas, que devem atender essas diferentes demandas, fazendo com que exista um certo preconceito com esta modalidade, assim como afirmam Almeida e Guerra (2009, p.8): “existe e de uma forma pouco velada, o preconceito de que o homem do campo é atrasado”, principalmente da parte da sociedade urbana, onde pouco se fala sobre a sociedade do campo, sendo apenas designada como produtores do setor alimentício”. Além disso, nesta modalidade encontra-se diversos desafios para o docente, como a ausência e de alguma forma inexistência do apoio pedagógico; a significativa escassez do material para o professor e aluno; organização do tempo principalmente por conta do docente não conseguir ensinar todo o conteúdo programático, pois os alunos necessitam de uma atenção individual devido a classe ser multisseriada.

Sendo a Educação do Campo algo construído de tempos em tempos juntamente com os sujeitos que ali residem, às regiões rurais, uma de suas características é a existência de Escolas Multisseriadas, que se caracterizavam como escolas pequenas e com poucos alunos matriculados, Porém atualmente a realidade é diferente, com salas relativamente maiores, porém ainda sim existindo alunos de diferentes anos na mesma sala de aula, sendo Educação Infantil de diversos níveis como também dos Anos Iniciais. Tanto na modalidade multisseriada quanto a seriada tem um objetivo em comum e principal: fazer com que os docentes proporcionem um ensino de qualidade resultando em uma aprendizagem satisfatória, mesmo o docente encontrado certa dificuldade em trabalhar com séries distintas em um único espaço, além de toda a adaptação do conteúdo.

O processo escolar deve adequar e reconhecer a diversidade sociocultural e o direito à igualdade e às diferenças. (SECAD, 2007, p.36).

Com isso, é possível analisar que mesmo com os movimentos sociais, a educação do campo ainda possui um longo e detalhado caminho para percorrer, nas classes seriadas e multisseriadas; material didático voltado para a realidade dos sujeitos que vivem e trabalham no ambiente em questão; apoio pedagógico nas diferentes questões que habitam nas escolas e também em seu entorno juntamente com a comunidade; valorização dos profissionais que muitas vezes vem de longe para ensinar diversos alunos; além de um trajeto digno para alunos e professores irem e virem, tudo isso voltado para o desenvolvimento educacional no campo.

A partir do capítulo escrito por Lúcia Gracia Ferreira (2013) “Professores rurais: histórias que revelam a vida” do livro "Narrativas de si e formação”, também pudemos ter uma análise mais reflexiva sobre estes profissionais que atuam na escola do campo e vivem em um cotidiano escolar com realidades diferentes. É importante ressaltar que a educação rural merece e precisa de um profissional que tenha uma formação para atender e respeitar pessoas que vivem em um contexto diferente dentro desta escola. (FERREIRA, 2013)

Se tratando do conhecimento deste profissional, infelizmente, na maioria das vezes ele possui um conhecimento mais subentendido, mas pode também não possuir conhecimento algum nesta área, o que não seria o correto. Quando isto ocorre, o conhecimento acaba sendo desenvolvido durante a sua prática no dia a dia, conforme o professor for realizando suas atividades educacionais ele vai aprendendo e aprimorando o seu desenvolvimento dentro das práticas pedagógicas. Imbernón (2005, p. 61) dá ênfase à prática dizendo que “o professor é capaz de gerar conhecimento pedagógico em sua prática”. A partir disto, fica entendido que todas as habilidades, saberes, conhecimentos e as aptidões profissionais podem ser conquistadas através da prática pedagógica.

As pessoas que vivem no campo estão em uma luta constante para conseguirem seus direitos e um acesso a educação de qualidade, pois infelizmente há políticas públicas que não atingem a todos. No capítulo de Ferreira (2013) há entrevistas citadas de professoras rurais que relatam como eram suas vidas no campo/roça e como era a situação de suas escolaridades. Na maioria dos casos, estas pessoas, sendo elas crianças e adolescentes, necessitavam ajudar seus familiares trabalhando desde cedo, cuidando de seus irmãos enquanto seus pais trabalhavam e isso os impediam de ir à escola e ter um processo de aprendizagem significativo para sua vida futura.

Na atualidade ainda temos casos como os que foram citados nas entrevistas, então existem muitas crianças que perdem a oportunidade de estudar por terem que ficar ajudando suas famílias em casa e a mesma coisa, provavelmente, aconteceu com seus pais, avós e outros parentes que residem no campo, ou seja, esta situação de antecipar as responsabilidades acaba sendo tratada com normalidade dentro destas famílias. Para estas crianças e adolescentes, a falta de alfabetização e escolarização completa pode gerar um grande incômodo futuramente, tanto no âmbito profissional que, na grande parte necessitamos de uma formação para podermos atuar, quanto no social.

Em relação a escola-comunidade, ambos em consonância, é possível verificar que na Resolução nº 2, de 28 de abril de 2008, o documento de nível nacional, consta que:

Art. 5º Para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, integrado ou não à Educação Profissional Técnica, a nucleação rural poderá constituir-se em melhor solução, mas deverá considerar o processo de diálogo com as comunidades atendidas, respeitados seus valores e sua cultura.

§ 1º Sempre que possível, o deslocamento dos alunos, como previsto no caput, deverá ser feito do campo para o campo, evitando se, ao máximo, o deslocamento do campo para a cidade.

Também consta no texto base da I Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo concluído em 1998, o item de número 24 que possui o seguinte requerimento:

24. Um outro grande desafio é pensar numa proposta de desenvolvimento e de escola do campo que leve em conta a tendência de superação da dicotomia rural- urbano, que é o elemento positivo das contradições em curso, ao mesmo tempo que resguardem a identidade cultural dos grupos que ali produzem sua vida. Ou seja, o campo de hoje não é sinônimo de agricultura ou de agropecuária; a indústria chega no campo e aumentam as ocupações não agrícolas. Há traços culturais do mundo urbano que passam a ser incorporados no modo de vida rural, assim como há traços do mundo camponês que voltam a ser respeitados, como forma de resgate de alguns valores humanos sufocados pelo tipo de urbanização que caracterizou nosso processo de desenvolvimento... Neste sentido, uma escola do campo não precisa ser uma escola agrícola, mas será necessariamente uma escola vinculada à cultura que se produz através de relações sociais mediadas pelo trabalho na terra (I CNEB, 1998, p. 17).

Ou seja, os sujeitos do campo juntamente com os movimentos sociais, buscam por muitas vezes superar esta visão que as pessoas têm sobre os mesmos, e também compreender como se dá a relação campo-cidade, com a justificativa de entender o porquê os sujeitos da cidade, de certa forma, têm mais oportunidades do que os sujeitos que atuam no campo, pois um inexistente sem o outro. Em relação a isso, Caldart (2003, p. 75):

A tarefa principal do coletivo de educadores é exatamente garantir o ambiente educativo da escola, envolvendo educandos e também a comunidade em sua construção. Para isto precisa ter tempo, organização e formação pedagógica para fazer a leitura do processo pedagógico da escola (relacionado, como vimos, ao processo pedagógico que acontece fora dela), assumindo o papel de sujeito do ambiente educativo, criando e recriando as estratégias de formação humana e as relações sociais que o constituem. Isto quer dizer avaliar o andamento do conjunto das atividades da escola, acompanhar o processo de aprendizagem/formação de cada educando, auto avaliar sua atuação como educadores, planejar os próximos passos, estudar junto.

Deste modo, é evidente que a Escola do Campo não pode ser definida apenas por um espaço de ensino, mas sim de lutas e marcos históricos, e é desta maneira que a comunidade deve se identificar, para que assim possam ser participativos em todos os projetos que acontecem não só na escola, mas na comunidade em geral.

Com relação a isso, podemos também esclarecer brevemente sobre a gestão democrática, sendo ela essencial para o estudo da trajetória da educação do campo, permitindo que os sujeitos que estão envolvidos neste meio, tenham diálogo para promover assim a constituição da própria identidade dos povos do campo. Na resolução da CNE/CEB 1, criada em nosso país em 2002, consta os seguintes artigos:

Art. 10. O projeto institucional das escolas do campo, considerado o estabelecido no artigo 14 da LDB, garantirá a gestão democrática, constituindo mecanismos que possibilitem estabelecer relações entre a escola, a comunidade local, os movimentos sociais, os órgãos normativos do sistema de ensino e os demais setores da sociedade.

Art. 11. Os mecanismos de gestão democrática, tendo como perspectiva o exercício do poder nos termos do disposto no parágrafo 1º do artigo 1º da Carta Magna, contribuirão diretamente:

I - para a consolidação da autonomia das escolas e o fortalecimento dos conselhos que propugnam por um projeto de desenvolvimento que torne possível à população do campo viver com dignidade;

II - para a abordagem solidária e coletiva dos problemas do campo, estimulando a autogestão no processo de elaboração, desenvolvimento e avaliação das propostas pedagógicas das instituições de ensino.

Diante todos estes aspectos discutidos no capítulo e sobre a luta constante da educação do campo, não poderíamos deixar de entrar no assunto que desencadeou o problema do nosso trabalho, a pandemia do Covid-19. Para discutir sobre esse assunto utilizamos como base o texto “Educação em tempos de pandemia: Narrativas de professoras(es) de Escolas Públicas Rurais” escrito pelas autoras Souza, Pereira e Fontana (2020). O texto nos traz um pouco de como foi esse momento na vida dos professores, estudantes e equipes pedagógicas das escolas rurais com o ensino remoto.

O momento da pandemia foi difícil para a educação, onde professores, alunos e todos os profissionais da área da foram prejudicados pelas mudanças radicais de metodologias de ensino. Neste momento o uso de tecnologias foi o principal meio para que o ensino continuasse, ou seja, as plataformas e aplicativos como o Google Classroom e Google Forms foram muito utilizados e a TV aberta que também foi usada para passar as vídeoaulas gravadas e feitas pelos professores.

Segundo Souza, Pereira e Fontana (2020), a política do ensino remoto tem sido influenciada nos municípios da RMC pela Resolução da Secretaria de Estado da Educação do Paraná nº 1.016, de 3 de abril de 2020, que estabelece em regime especial as atividades escolares na forma de aulas não presenciais, em decorrência da pandemia causada pela COVID-19. Nesta Resolução há a questão de como ficaram os usos das tecnologias para os professores, estudantes e equipes pedagógicas, ou seja, gravações de videoaulas feitas pelos professores que foram passadas na TV aberta e as plataformas digitais como Google Classroom e Google Forms que foram citadas no texto.

Além de questões tecnológicas citadas na resolução há atribuições que devem ser realizadas pela equipe pedagógica e pelos professores. As atividades impressas e a garantia do acesso para as atividades ficaram por conta da equipe pedagógica, a qual deveria sempre manter os alunos e responsáveis informados da situação, contribuindo para um melhor desenvolvimento da aprendizagem naquele momento. Os professores ficaram responsáveis por acessar os aplicativos e mantê-los atualizados com conteúdos, interações entre eles e alunos e incentivando a aprendizagem de todos.

Souza, Pereira e Fontana (2020) também nos trazem que embora a resolução disponha sobre a TV aberta, há relatos de que em muitas localidades os estudantes não conseguem acesso, pois o sinal não atinge 100% do território estadual. Também, não refere se os professores têm tecnologias e internet para realização do trabalho. Infelizmente diante dessa situação os professores ficaram preocupados, pois por conta da dificuldade de acesso relatada acima, o ensino-aprendizagem dos alunos não estava ocorrendo da maneira adequada mesmo com os materiais e plataformas digitais disponíveis e as suas condições

de trabalho estavam se tornando cada vez mais desafiadoras para atender a comunidade escolar, realizar as atividades e entregá-las para os pais nas escolas e gravar as vídeo aulas para os que teriam acesso, tudo da melhor maneira possível naquele momento.

A partir das questões que foram discutidas anteriormente, fica nítido o esforço feito pelos professores das escolas públicas rurais e o quanto esses profissionais merecem condições de trabalho melhores para que haja um trabalho e ensino de qualidade.

Durante o desenvolvimento deste capítulo trouxemos as condições de trabalho dos professores das escolas no/do campo. Estas condições envolvem muitos pontos, sendo eles: a infraestrutura das escolas e sua estrutura, material didático disponibilizado para os alunos, formação dos professores e a relação destes profissionais com as famílias dos alunos juntamente com a comunidade.

Diante de todas estas informações e discussões podemos e devemos entender que a escola e a educação do campo não devem ser isoladas e sim inserida na vida das pessoas, ou seja, nos estudos e formações para que cada vez mais, a mesma se torne comum em nosso meio, sendo respeitada, valorizada por todos. Além de todos estes aspectos, é importante ser inserida nos estudos também para que os professores que desejam atuar nestas escolas possam obter mais conhecimentos sobre a mesma e poder desenvolver aulas com ainda mais praticidade e passar com conhecimento significativo para estes alunos sem perder a identidade do campo.

Juntamente da educação do campo, podemos dizer o mesmo dos professores que atuam nestas escolas, os quais devem e precisam ser valorizados para que o direito de uma educação digna chegue aos alunos que residem no campo. Sem o apoio a estes profissionais fica difícil de acontecer um desenvolvimento e aplicação de uma prática pedagógica apropriada em sala de aula e espaços pedagógicos. A partir do momento em que as escolas do campo se tornarem instituições valorizadas, as condições das mesmas podem ser melhoradas ocasionando em uma educação de qualidade, o mesmo acontecerá

com o professor, que terá um trabalho gratificante e proporcionará uma aprendizagem significativa para os alunos.

Sendo assim concluímos com este capítulo que esta educação é pensada e realizada a partir da participação de todos, buscando atender todas as demandas que a comunidade necessita. Na escola, todos estão envolvidos no processo, pois tudo que está envolta da instituição juntamente com as vivências dos alunos, fazem com que tudo seja contemplado. Com isso, focando no intuito do nosso trabalho, o professor não trabalha sozinho e tem, ou deve ter, apoio de todos para que a educação no/do campo seja cada vez mais desenvolvida para estes sujeitos que residem e atuam no campo.

## **2. CONDIÇÕES DE TRABALHO DE PROFESSORAS NAS ESCOLAS DO CAMPO: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS**

Este capítulo contém a análise dos relatos orais que foram realizados com cinco professoras que atuam em escolas do campo de alguns municípios do estado do Paraná. Para abranger nosso tema e chegar até a realidade que os professores vivem nestas escolas, os relatos foram o caminho mais viável no momento, podendo contribuir de uma maneira essencial para a realização do nosso trabalho de conclusão de curso.

Após a autorização das professoras para efetuarmos perguntas, iniciamos um diálogo com elas sobre a relação que há entre elas e a escola que atuam. Também separamos os assuntos em temas, os quais envolvem a formação destas professoras, sendo ela inicial e continuada, sobre as condições de acesso à escola e também sua infraestrutura, incluindo os materiais didáticos, o reconhecimento do trabalho dos professores e um tópico muito importante, a relação das professoras com as famílias das crianças.

Entretanto, não podemos deixar de comentar sobre o momento atípico que passamos, a pandemia da Covid-19. Este foi um acontecimento que, de alguma maneira, modificou o trabalho dos profissionais da educação das áreas urbanas, mas com certeza afetou de maneira mais crítica a educação do campo. Então, contamos com os relatos dessas professoras neste momento tão difícil que passamos e ainda estamos vivenciando e superando os efeitos deixados no pós-pandemia na educação do campo.

Antes de começarmos a análise e discussão dos relatos faremos uma breve apresentação das professoras que colaboraram com nosso trabalho. Para esta apresentação, fizemos um quadro do perfil das professoras, o qual compõe seus nomes, suas formações e o local onde atuam hoje em dia.

## 2.1 O perfil das professoras: formação docente

QUADRO 1: Perfil das professoras

PROFESSORAS	FORMAÇÃO	LOCAL DE ATUAÇÃO
Professora Fabiana	Graduada em Pedagogia, Mestre em Educação.	Professora no município de Fazenda Rio Grande
Professora Rosana	Graduada em Pedagogia, pós-graduada em Psicopedagogia, Mestre e Doutora em Educação.	Secretaria Municipal de Educação em Tijucas do Sul
Professora Adriana	Graduada em Pedagogia, concursada pelo município da Lapa, Mestre em Educação.	Professora dos anos iniciais no município da Lapa
Professora Marilei	Graduada em Pedagogia e pós-graduação em Educação Inclusiva, Mestre em Educação e Doutoranda.	Diretora de uma escola no município de Campo Largo
Professora Fábيا	Formada em magistério e graduada em Pedagogia	Professora na rede Municipal de Educação em Almirante Tamandaré

Fonte: As autoras, 2022.

No total são cinco professoras, quatro que atuam como professoras no campo e uma professora que atualmente está na Secretaria Municipal da Educação, mas que já atuou como professora no campo também e colaborou com relatos. Recebemos relatos dessas professoras e elas nos deixaram a par de como é a realidade dos professores que atuam nas escolas do campo. Os

relatos foram ricos, com experiências diferentes em cada trajetória das professoras e fundamentais, pois desta maneira pudemos entender e conhecer um pouco sobre o trabalho e condição de trabalho de cada uma.

Para iniciarmos a discussão e análise sobre os relatos, começaremos com o tema sobre a formação destas professoras e os seus conhecimentos relacionados à educação do campo. É válido lembrar da importância de uma formação para o profissional que atuará como professor, pois será ele que

Vejamos o seguinte relato da professora Marilei que nos contou um pouco sobre como aconteceu o seu primeiro contato com a educação e como foi suas experiências durante os anos de formações:

Professora Marilei (2022):

*Iniciei meu trabalho como funcionária pública em Julho de 2006. Foi minha primeira experiência enquanto funcionária pública na educação, então quando eu cheguei na escola a diretora me acolheu e falou para mim “bem vinda professora” e eu falei que não era professora, estava para trabalhar nos serviços gerais, como servente. Ela olhou para mim e falou “você é muito jovem, precisava voltar a estudar”. O meu primeiro contato com a educação foram essas palavras que a diretora me falou. Em fevereiro de 2007 retornei para fazer uma graduação em pedagogia. Conclui pedagogia em 2010, em 2011 já comecei e conclui uma pós em educação especial inclusiva e fiz e passei em um concurso de Ponta Grossa/Campo Largo em 2012 e julho comecei a trabalhar no município de Campo Largo como professora.*

Verificamos a importância de ter uma formação e como foi importante não desistir de estudar e buscar uma formação para a sua carreira na área da educação no/do campo. Muitas vezes há comentários de que ser professor é fácil, mas às vezes até nós, profissionais da área, nos equivocamos e achamos que chegará um momento em que não vamos mais estudar, que não precisaremos mais estudar.

Ser professor, como foi discutido no início do primeiro capítulo, é uma profissão que nunca se separa da aprendizagem constante, estamos sempre aprendendo coisas novas e nos aperfeiçoando durante nossa atuação e preparação para a mesma. Além da professora Marilei, mais professoras nos relataram sobre suas formações e questões sobre a educação do campo. Temos

o relato da professora Fábria que nos conta como iniciou seu trabalho na educação e qual foi a sua formação e contato inicial:

Professora Fábria (2022):

*Fiz magistério e pedagogia e comecei a trabalhar depois passei no concurso numa escola Urbana e em 2013 se eu não me engano, eu fiz um curso de extensão na Tuiuti e conheci a educação do campo. Em 2015 eu saí da escola Urbana e fui para uma escola rural na escola urbana eu estava na gestão era para diretora Eleita pela comunidade e saí e fui para uma escola com professora numa escola no campo.*

Notamos que a carreira de quem escolhe a área da educação pode começar antes do ensino superior, ou seja, durante o ensino médio no curso de Formação de Docentes que antes era chamado de Magistério. O curso de Formação de Docentes fornece uma base muito boa para quem escolheu esta área de formação, nos proporcionando ir às salas de aula durante o curso técnico e aprender assuntos fundamentais para o curso superior e ter uma experiência prática de como é estar em sala de aula com os alunos, realizar e aplicar planos de aula para eles. A professora Fábria saiu com uma base boa e conhecimentos para atuar em sala de aula, e após ter a experiência em uma escola urbana entrou em uma escola do campo, onde sua formação foi muito importante também.

Além do relato da professora Fábria contando sobre sua trajetória e formações, tivemos também o relato da professora Adriana que nos contou sobre as dificuldades sobre estudar e morar no campo:

Professora Adriana (2022):

*Sobre a trajetória, 4 anos da graduação: estudar morando no campo não é missão fácil! Tive que morar longe de casa, trabalhar durante o dia para seguir a faculdade [...]. Ao me formar, já entrei por concurso no município para atuar em uma escola do campo, perto de minha casa.*

As dificuldades de atuar no campo sempre estiveram presentes, e com o relato da professora Adriana constatamos que para ela não foi diferente. Muitas vezes as escolas do campo são muito retiradas e dificultam o deslocamento das

professoras de suas casas até a escola ou até mesmo, como no caso da professora Adriana, morar longe de casa para garantir seu emprego. Em alguns casos as professoras iniciam sua trajetória nas escolas do campo antes mesmo de ter uma formação no ensino superior, às vezes apenas com o magistério ou em situações que ocorreram mais antigamente, as pessoas da própria comunidade entravam para contribuir e dar aula para as crianças pela falta de professores nestas escolas. Temos também o relato da professora Rosana, que nos contando quando e como iniciou sua trajetória na educação do campo:

Professora Rosana (2022):

*Moro em Tijucas do Sul, moro em um município eminentemente rural. Então, eu vou contar um pouquinho de como começou a minha trajetória na educação. Iniciei em 2 de maio de 1984, então eu tenho 38 anos e alguns meses aí nessa trajetória, no decorrer da minha trajetória eu iniciei e trabalhei com alunos em classe multisseriada, eu tinha apenas 15 anos. [...] Foi um aprendizado grande que eu encontrei em uma turma multisseriada, com 30 e poucos alunos, no começo foi um pouco difícil até eu me adaptar, mas assim, nós fomos aprendendo e eu fui aprendendo junto com os alunos e as famílias, ou seja, o aprendizado foi acontecendo constantemente.*

Como podemos ver no relato da professora Rosana, ela iniciou seu trabalho e trajetória na área da educação com 15 anos em uma sala multisseriada. Como a professora relatou para nós foi um aprendizado para ela também, pois não tinha nenhuma experiência em sala de aula, então foi a partir do dia a dia na escola, com os alunos e seus familiares que houve o desenvolvimento da aprendizagem, tanto da professora Rosana quanto dos alunos. Neste caso, o apoio da gestão da escola juntamente com a comunidade foi essencial para que o ensino-aprendizagem ocorresse de forma com que todos saíssem ganhando. A seguir, temos o relato da Professora Fabiana sobre o início da sua trajetória como profissional de educação no campo: “*Sou professora no município de Fazenda Rio Grande desde o ano de 2000, e sou uma professora que é formada em pedagogia e descobri as escolas localizadas no campo depois de uma trajetória de 10 anos de profissão.*”

A partir deste relato da professora, fica nítido como a educação do campo é pouco conhecida pelos próprios profissionais da educação. Não se fala muito sobre estas escolas, ou se é falada, mostra-se totalmente diferente do que

realmente é, principalmente durante a graduação, onde o foco principal é educação infantil na zona urbana. Desta maneira, é imprescindível que tenha uma atenção maior para a educação no campo, para que ela tenha também uma importância tanto quanto as escolas urbanas. Além disso, a professora Fabiana nos contou sobre como foi seu primeiro contato como professora em uma escola do campo:

Professora Fabiana (2022):

*Estudei na escola rural mas enquanto profissional da educação não havia mais ouvido falar, por mais que eu morasse numa comunidade rural, eu não trabalhava mais nessas escolas, não tinha contato com as escolas. Me convidaram para ir para uma escola em que a professora ia morar em outro município e eu assumi essa escola em agosto, porque ela ia ser fechada no final do ano. [...] Nesse meio eu comecei a conhecer a realidade das crianças que lá estavam, eram 22 matrículas no momento em que eu trabalhava lá, 22 crianças do primeiro ao quinto ano na escola multisseriada com uma única professora, a professora unidocente no caso.*

A partir dos relatos das professoras Marilei, Fábila, Fabiana, Rosana e Adriana em relação a suas formações e trajetória na educação do campo, pudemos perceber o quanto a atuação na educação no campo interferiu nas suas vidas e rotinas, pois algumas tiveram que praticamente mudar de cidade e estilo de vida, outras continuaram atuando na escola onde já tinham um conhecimento prévio de como funcionava, no entanto, outras tiveram que aprender na prática, como foi o exemplo do relato feito pela professora Rosana, a qual iniciou seu trabalho na educação do campo com 15 anos de idade.

Além dos relatos que recebemos sobre a formação destas professoras, elas também nos contaram sobre uma questão importante e necessária para que possam trabalhar da melhor maneira possível com seus alunos, a qual diz respeito ao tempo disponibilizado que elas têm para o planejamento de suas aulas e também quantas horas de trabalho semanal no total elas ficam na escola. A partir desta questão a professora Adriana nos relatou como fica a divisão destas horas atividades nas duas instituições que ela trabalha na Lapa:

Professora Adriana, 2022:

*Eu trabalho com dois vínculos aqui na Lapa, 40 horas. Dessas 40, 8 horas são para planejamento. Estou cursando o doutorado, não tenho*

*dispensa para estudar. Fiz vários pedidos, inclusive protocolei alguns, mas nunca tive resposta. Para "ajudar", ainda colocaram na escola ponto eletrônico, ou seja, não consigo ao menos fazer acordo interno com a diretora para poder sair.*

O relato da professora Adriana nos mostra que há tempo de planejamento semanal, porém nos conta a grande dificuldade que tem para realizar sua formação continuada, onde seria essencial que a escola fizesse um acordo com a mesma, mas isto não acontece. De alguma forma, o ponto eletrônico possibilita uma organização maior entre os profissionais que trabalham na escola, mas de outra maneira dificulta e prejudica, por conta de horários que não são tão flexíveis, visto que seria importante o professor ter a oportunidade de se especializar e estudar para aperfeiçoar ainda mais seu conhecimento. A professora Fábيا também colaborou com seu relato sobre a hora atividade na instituição que ela trabalha:

Professora Fábيا, 2022:

*Sobre a hora atividade, como essas unidades que estão no campo são unidades pequenas com porte pequeno, tem poucos educandos, no máximo 80. Então eles conseguem ter a hora atividade de trinta e três horas, porém só no caso de faltar professor que daí não é possível ter essa carga horária.*

A questão de faltas de professores é algo presente no ambiente escolar em muitas instituições e na escola do campo também, assim como discutimos sobre a dificuldade que eles têm de chegar até a escola, seja por falta de transporte ou por conta do clima como foi comentado pelas professoras que em dias de chuva dificulta tanto a ida dos alunos como a dos professores até a escola. Infelizmente a falta dos professores prejudica a escola e o andamento das atividades, pois como foi relatado pela professora, quando há professores faltando é preciso que os outros façam a substituição dos mesmos e isso altera a carga horária e suas horas de planejamento. Analisando todas estas informações que tivemos das professoras, perguntamos também se elas e os professores que trabalham nessas escolas recebem gratificação por trabalharem em escolas do campo e pelo tempo de deslocamento deles até a escola.

A seguir, temos o relato da professora Marilei e da professora Fábيا nos contando sobre a gratificação que recebem por horas de deslocamento entre suas residências e a escola onde trabalham, com pontos positivos:

Professora Marilei, 2022:

*Aqui em Campo Largo, recebemos uma gratificação de dez quilômetros de distância da escola onde você trabalha. Ou seja, você já recebe essa gratificação independente se a escola do campo está na cidade. São eles que colocam a quilometragem.*

Esta gratificação de deslocamento aos profissionais de educação que trabalham em unidades de ensino distante da sede do município e/ou residência fixa e favorável é essencial para os mesmos. São horas significativas que realizam para este deslocamento, e esta gratificação faz com que essas horas não sejam "perdidas", e de acordo com o relato anterior, esta lei é cumprida no município de Campo Largo. Agora vejamos o relato da Professora Fábيا sobre este mesmo tema:

Professora Fábيا, 2022:

*Com relação a gratificação, sim, nós recebemos desde 2018, ou seja, os profissionais que trabalham nas unidades educacionais que estão no campo. No caso do município de Almirante Tamandaré são quatro unidades e todos que trabalham nessa unidade recebem a gratificação.*

É importante para esses profissionais terem a gratificação pelo seu trabalho realizado nas escolas do campo, sendo até mesmo um incentivo a mais para eles.

## **2.2 Condições de trabalho nas escolas do campo**

Entre tantos temas que podem ser tratados em relação às condições de trabalho destas professoras, o segundo que iremos analisar e trazer relatos será os que envolvem a infraestrutura das escolas onde trabalham e os materiais didáticos disponíveis para desenvolverem suas práticas pedagógicas. Para um melhor entendimento sobre a infraestrutura que envolve vários aspectos, vamos dividir os relatos conforme os assuntos abordados.

Primeiramente vamos analisar o relato da professora Rosana que nos trouxe um comentário positivo sobre as condições de trabalho nas escolas do campo:

Professora Rosana (2022):

*Com relação às condições de trabalho nas escolas do campo, observa-se uma melhora. As escolas estão passando por reformas significativas, como manutenção, adaptações e pintura. Das 15 instituições existentes, 5 delas que necessitavam de manutenção emergencial, já foram encaminhadas para licitação.*

Em relação ao relato acima, observa-se que as escolas do campo vem sendo cada vez mais melhoradas em relação a anos anteriores. A luta dos profissionais que atuam nesta região por significativas melhorias, são de extrema importância, pois sem eles e a boa relação com a comunidade escolar, de certa forma seria mais difícil.

A professora Rosana, juntamente com a professora Adriana, também nos trouxe questões sobre os materiais didáticos das escolas que elas atuam:

Professora Rosana (2022):

*Já sobre o material didático, os professores se revoltaram e contestaram sobre esse material, fizeram carta de repúdio e finalmente foi instaurada uma CPI com relação a compra desse material e o ex-prefeito responde até hoje no Ministério Público.*

A partir do relato da Professora Rosana, notamos que a maioria dos profissionais de educação deveriam ter: mais atenção em relação ao material didático destinado aos alunos que estudam no campo, possibilitando assim o reconhecimento e valorização dos saberes e a cultura local. É necessário que os professores e demais interessados na evolução da qualidade de ensino do campo lutem pelos seus interesses, buscando cada vez mais reconhecimento, onde podemos perceber que a CPI foi o caminho mais viável para resolver esta questão. Além disso, é essencial que cada vez mais os educadores tomem ciência de que é sim necessário recorrer a forças maiores como o governo para reivindicar estas melhorias. A educação do campo precisa sim de melhorias em diversos quesitos, que conforme o tempo passa, está sendo alcançado.

Outro relato importante que tivemos foi o da professora Adriana, que nos contou melhor e detalhadamente sobre como é o material didático usado pelos professores e alunos nas escolas do campo e também sobre a resistência em relação à implementação de material didático em plataformas digitais. Vejamos o seguinte relato:

Professora Adriana (2022):

*O material didático é aquele utilizado nas escolas da cidade. O que muda é a prática pedagógica, pois a partir dos documentos do movimento de educação do campo, tentamos nos aproximar da concepção. Neste sentido, tentamos vincular o currículo imposto com os processos de vida em comunidade, da cultura, dos processos de trabalho. [...] vivemos na contradição. Muitas empresas aparecem no município de forma solícita querendo implantar materiais didáticos e plataformas digitais. Há uma resistência nessa implantação, desde 2017 quando foi adquirido o material Positivo para as escolas do campo sem consulta da comunidade escolar e nem do conselho Municipal de Educação.*

A partir da fala da professora Adriana sobre o material didático, vemos um problema. Como trabalhar um material didático que é totalmente dedicado para as escolas da cidade, nas escolas do campo? Como os sujeitos do campo vão se identificar com conteúdos que não fazem parte da sua realidade e seu cotidiano? Por isso vemos a importância de se ter um material didático onde os alunos possam se identificar e permitir o desenvolvimento do ensino e aprendizagem de forma contextualizada, com ampla consonância com os princípios das diretrizes do campo.

Além disso, temos citadas as questões das empresas que tentam implementar materiais didáticos em plataformas digitais, o que é inviável para a realidade que estes professores e alunos vivem nas escolas do campo. A condição de trabalho destes professores e a condição dos alunos não é acessível com a implementação de material didático digital. Para os professores, isso se torna algo impraticável ou que irá dificultar o cotidiano em seu trabalho, pois envolve condições que não dependerá apenas dele, como por exemplo uma internet de qualidade para o uso destas plataformas, aparelhos como notebooks, computadores ou tablets para que possam desenvolver suas aulas e atividades

e até mesmo um bom conhecimento sobre como usar as plataformas de uma maneira adequada e que torne o aprendizado do aluno significativo.

Sobre o transporte escolar, a professora Marilei nos relatou em relação a esta condição, a qual também sabemos que interfere na infraestrutura das escolas, tivemos o seguinte relato dela: *“Na escola que trabalho hoje, Augusto Pires de Paula, todos nós usamos transporte escolar, temos 14 Kombi e 6 ônibus que circulam trazendo as crianças e professores para a escola.”*

A questão do transporte, como citamos no nosso primeiro capítulo do trabalho, é uma das questões de infraestrutura que é muito importante para os alunos e para os professores que trabalham na escola do campo. Muitos professores acabam desistindo de trabalhar no campo pela falta de transporte, pela dificuldade em chegar até as escolas.

Felizmente com o relato da professora Marilei podemos notar que não são todas as escolas e comunidades que sofrem com o transporte. Neste caso, não somente os alunos, mas as professoras também têm o apoio do transporte escolar para chegar até a escola. Mas há outras questões envolvendo o transporte que podem interferir no trabalho do professor e também na aprendizagem do aluno.

Além da professora Marilei, a professora Adriana também nos relatou brevemente sobre esta questão do transporte no município da Lapa:

Professora Adriana, 2022:

*A escola aqui foi nucleada em 2013. Ela atende 12 comunidades ao redor. Alunos ficam viajando até uma hora no ônibus escolar para chegar aqui. Temos alunos ribeirinhos que levantam 4 horas da manhã para chegar na estrada grande e pegar o ônibus.*

A partir deste relato da professora Adriana é possível ter uma pequena noção da dificuldade que os alunos e também professores têm de chegar até a escola por conta do meio de transporte. Além da dificuldade do transporte e pelo seu tempo de viagem até a escola, os alunos necessitam acordar muito cedo para poder se locomover até a estrada que o ônibus passa.

Todas estas questões interferem de certa maneira no desenvolvimento da aprendizagem do aluno. No caso citado pela professora, esses alunos podem não ter uma noite de sono adequada por precisar acordar muito cedo para pegar o ônibus e isso pode atrapalhar na concentração deste aluno na aula, explicações da professora e também irá interferir no trabalho da professora que terá dificuldades de avançar com estes alunos por conta da cansaça e muitas vezes esgotamento físico do mesmo. A professora também nos relatou sobre como é o transporte escolar na região da Lapa e suas características:

Professora Adriana, 2022:

*O transporte escolar é em parceria da prefeitura com o estado. São 4 linhas que percorrem as 12 comunidades. Em dias de chuva, normalmente eles fazem a linha. São raras as vezes que ocorrem alagamentos. Quando ocorre e o transporte não passa, os alunos recebem atividades impressas e orientação a partir de whatsapp.*

Vejamos que no município da Lapa, onde a professora Adriana atua como educadora há tantos anos, a realidade do transporte escolar no campo é um pouco diferente do que imaginávamos, onde é raro ocorrer alagamentos, porém quando acontece, recorrem a atividades on-line para os docentes não precisarem se deslocar até a escola por conta do clima. Acreditamos que isso não é novidade, pois já ocorria em tempos de pandemia. Por fim, a professora finalizou seu relato sobre este tema em questão das estradas que compõem a região do campo, dizendo "As estradas estão bem conservadas, o prefeito é bem ativo em relação a conservação para que os alunos não fiquem sem aula".

Sendo assim, é evidente que uma boa gestão faz a total diferença na vida dos povos do campo. A preocupação do prefeito não só em relação a conservação das estradas, mas para que os alunos não fiquem sem aula, mostra o quanto é imprescindível um olhar mais atento e amplo para os sujeitos que precisam se deslocar para a escola.

Logo após o relato da professora sobre o transporte escolar, recebemos diversas fotografias que mostravam a estrutura da escola bem como seus e percebemos o quão grande e muito bem cuidada ela é pelos alunos, professores

e comunidade em geral, fazendo com que todos os sujeitos que fazem parte dela, sintam-se bem neste local, onde para alguns se torna sua segunda casa.

### **2.3 Relação entre as professoras, a comunidade escolas, as famílias e os alunos**

Além de questões envolvendo infraestrutura das escolas, trouxemos relatos sobre a relação das professoras com os alunos e com a família dos mesmos, se há colaboração e uma troca boa para um melhor desempenho no trabalho delas e também na aprendizagem dos alunos.

Professora Adriana, 2022:

*A comunidade escolar participa bastante na promoção de atividades para as crianças. A APM da escola frequentemente está na escola fazendo ações como tardes festivas, dia de brincadeiras, lanches com guloseimas, para limpar, pintar, fazer reformas... Enfim, muitas ações que a mantenedora (prefeitura) não faz, mas que a escola efetiva a partir da participação. Neste ano, por exemplo, estamos fazendo oficinas com as crianças em comemoração a semana delas.*

Diante do relato da professora Adriana, percebemos o quanto a APM é essencial tanto para a escola quanto para a comunidade em geral, auxiliando em diversas demandas, até mesmo naquelas que a prefeitura não pode interferir ou ajudar de alguma forma. No mês de outubro, quando é comemorado o dia das crianças, a professora Adriana nos enviou fotografias onde foi possível perceber o quanto a comunidade se preocupa com o bem estar das crianças dentro da escola, sendo a segunda casa para elas, onde também passam a maior parte do tempo e dos dias. A participação da família com a escola é essencial para o entendimento de que ambos são parceiras nessa caminhada de desenvolvimento dos alunos.

Desta forma, é importante que a escola acolha os responsáveis de maneira com que façam entender o quão importante é a comunicação para ambos e como uma gestão democrática e participativa pode sim trazer inúmeros benefícios também no sentido de convidar os responsáveis dos alunos a fazerem parte do processo pedagógico e principalmente da vida escolar de seus filhos. A professora Fabiana nos relatou também sobre a importância da participação e articulação da comunidade com as escolas do campo:

Professora Fabiana (2022):

*As escolas localizadas no campo, sem a comunidade, elas realmente não funcionam. Nós precisamos de toda a comunidade escolar, então nesse meio que eu me senti sozinha, o aporte que eu fui buscar foi a comunidade, tanto as famílias das crianças que estudavam lá quanto os moradores mesmo né que a escola ela é referência da comunidade, é lá que todos buscam algo né, pode ser questão médica, questão assim, então realmente a escola é a referência da comunidade, então ela é viva. [...] então assim a gente vê que realmente essa articulação entre escola e comunidade faz toda a diferença, e o trabalho do professor nesse momento realmente é isso: é fazer isso acontecer.*

Diante do relato anterior, é compreensível entender que a relação da família e comunidade escolar visa o cumprimento da função social e também política, focando na formação do cidadão participativo, responsável, crítico e criativo para a socialização do saber. Além de ser importante essa articulação foi relatado o quanto isto colabora com o desenvolvimento do trabalho do professor, pois ele sabe que não estará lutando sozinho por uma educação e escola de qualidade. A professora Fabiana continuou seu relato sobre o papel fundamental do professor nesta posição:

Professora Fabiana (2022):

*Então o professor dessas escolas precisam ser doar muito, trabalho lá realmente tem que buscar tem que ter muitos enfrentamento, mas aquilo que eu sempre coloco: "sem a comunidade você não consegue nada né", então e a educação do campo é isso, a educação do campo vem nos trazer isso né, que a gente precisa da participação da comunidade e realmente isso é necessário e é capaz mesmo, capaz de fazer mudanças, mudanças maravilhosas e sem ela não tem comunidade sem o apoio das famílias, dos moradores e de onde a escola está inserida, sem elas não conseguimos nada.*

A partir do relato da Professora Fabiana podemos entender a importância da boa relação que deve existir entre a escola e a comunidade, a família dos alunos que estudam nas escolas do campo. Quando há uma boa relação entre a escola e as famílias dos alunos, o desenvolvimento da aprendizagem destes alunos será melhor, pois além da aprendizagem em sala de aula, pode haver colaboração da parte de familiares neste processo de aprendizagem. A seguir, temos o relato da professora Rosana, nos contando sobre um projeto que foi desenvolvido juntamente com a comunidade do município de Tijucas do Sul,

e partir disso nos enviou fotos para nos esclarecer ainda mais sobre a escola em que está inserida:

Professora Rosana (2022):

*Essa foi a primeira escola em que iniciamos a pesquisa por meio do NUPECAMP como mencionei no relato, e constata-se uma mudança significativa na concepção de educação do campo, trabalham a vivência, a valorização e a cultura dos sujeitos do campo. Além de outros projetos significativos e com ajuda da comunidade escolar, transformam o meio em que vivem.*

Podemos perceber que a boa relação dos professores e gestores das escolas do campo com a comunidade e com a família dos alunos, além de colaborar com o trabalho do professor e com a aprendizagem dos alunos é possível criar e desenvolver projetos significativos e que fazem a diferença neste contexto escolar.

Envolvendo a questão da relação entre escola e família e comunidade, algumas professoras nos relataram também sobre o momento da pandemia, como foi a relação família, escola e comunidade e como os professores das escolas do campo auxiliaram os alunos neste período tão difícil que passamos. Nós como estudantes entendemos a importância de ter uma relação boa com os professores e podermos contar com eles para uma melhor aprendizagem. Durante o momento da pandemia a boa relação foi essencial para superarmos as dificuldades que surgiram com o tempo e acreditamos que assim foi com muitos estudantes, incluindo os alunos menores.

O acesso nas plataformas digitais pelos alunos das escolas do campo não foi viável por conta da carência de uma internet adequada e aparelhos eletrônicos para todos. Nestas condições os professores lutaram para que os alunos pudessem continuar estudando em suas casas, mas de maneira diferente. Para entendermos como foi este momento para os professores vejamos o relato da professora Marilei:

Professora Marilei (2022):

*Em relação a pandemia aqui na escola em que eu trabalho, nós conduzimos as atividades impressas. Não optamos pelo Google Meet, foi bastante forçado pela Secretaria da Educação que a gente adotasse o Google Meet, até porque eles usavam uma economia no material, mas tivemos uma resistência e conseguimos fazer atividades impressas. Quinzenalmente o pai retirava e levava para casa. Aquelas crianças com maior dificuldade e que não eram alfabetizadas, uma vez por mês ou duas vezes por mês o professor ia até a casa auxiliar as crianças nas atividades.*

Em relação aos professores, diante do relato da professora Marilei, podemos perceber que eles fizeram o possível para que seus alunos não ficassem sem estudar e sem desenvolver sua aprendizagem durante a pandemia. O método mais adequado para os alunos e professores da escola foram atividades impressas, pois assim todos teriam acesso. O trabalho dos professores foi além de entregar as atividades como podemos ver no relato da professora, mostrando sua preocupação e atenção com alunos que estavam com mais dificuldades para aprender e realizar as atividades, com isso, esses professores iam até as casas desses alunos para auxiliá-los na realização das atividades e nos estudos.

Além de nos contar como os professores estavam trabalhando com as crianças durante a pandemia, a professora Marilei nos contou como a aprendizagem das crianças foi afetada e como é importante a presença de um professor para ensinar:

Professora Marilei (2022):

*As crianças, no retorno, estão com bastante defasagem na aprendizagem, é um processo muito difícil que nós estamos vivendo. Não há quem substitua um professor em sala de aula, não há possibilidade de alfabetizar online, então é algo muito novo e com certeza vai estar dando um impacto na educação. Foi um ano muito difícil esse período de pandemia para os professores. Muitos tiveram que adaptar as suas casas para fazer atividades e muitas escolas foram forçadas a inserir o Google Meet mesmo não atingindo as crianças. Houve uma visão romântica no sistema, achando que tudo estava ocorrendo perfeitamente, mas realmente não era isso, a gente sabe que não tem como substituir o professor.*

Com o relato que acabamos de ler, notamos que o professor é um sujeito indispensável na vida de seus alunos e no processo de ensino deles. Durante a pandemia a educação foi afetada de uma maneira muito rígida, pois muitas

crianças sem alfabetização, atraso nos estudos, aumento de dificuldade em atividades escolares e na aprendizagem. Na educação do campo não foi diferente como nos contou a professora Marilei, muitas crianças quando retornaram estavam com sua aprendizagem prejudicada.

Outra questão relatada que nos leva a pensar sobre a falta de compreensão das realidades vividas pelos alunos e professores que residem no campo, são as escolas com seus professores e alunos sendo obrigados a adotar o ensino online por meio de plataformas digitais, que neste caso foi o Google Meet. Vejamos o relato da professora Adriana:

Professora Adriana (2022):

*Bem, durante a pandemia aqui no município nós ficamos fazendo o trabalho remoto, né? E aqui no município teve um problema que eu acho que em todos os municípios foi a mesma coisa: os professores perderam o difícil acesso, perdemos também a gratificação por trabalhar com turmas da educação especial [...] Perdemos também o tempo de serviço que vem na folha de pagamento também foi cortado e não contou os dois anos, enfim, foi tirado as vantagens do servidor público que nós tínhamos. Foi um tempo muito difícil este da pandemia, principalmente trabalhar em casa e nós que moramos no interior, escola do campo, nós temos o agravante da falta de luz e das tempestades que acaba a luz às vezes dois, três dias ficamos sem luz. Então conseqüentemente, ficava sem internet, ficava sem comunicação com os alunos, os alunos em casa, isolados e nós na escola.*

Perante o relato da professora Adriana, é possível evidenciar o quanto pontos importantes como gratificações e pagamentos foram alterados por conta do período pandêmico, mesmo os professores trabalhando além do seu horário de aula. Apesar do ensino remoto ser uma alternativa mais viável para não perder o contato com os alunos, após o relato da professora, foi possível perceber que este contato depende esporadicamente da previsão do tempo, onde a comunicação fica inviável por conta da rede elétrica.

A seguir temos o relato da professora Rosana nos contando também como foi o momento da pandemia para os professores e para os alunos na escola em que trabalha:

Professora Rosana (2022):

*Muitas crianças não tinham acesso à internet. Aqueles que tinham WhatsApp era conversado com a família e as professoras explicavam as atividades por meio do WhatsApp, faziam videochamada e aqueles que não tinham acesso os pais iam até a escola de quinze em quinze dias buscar a apostila, então era por meio de apostilamento.*

Na primeira parte do relato feito pela professora Rosana sobre o período da pandemia ela nos contou sobre a dificuldade do acesso a internet que impedia o uso das plataformas digitais e como pudemos analisar a maneira de não deixar a maior parte dessas crianças sem atividades foi a partir de atividades em apostilas. Ela também definiu esse momento como um período de exclusão, vejamos a segunda parte de seu relato:

Professora Rosana (2022):

*O tempo de pandemia foi um período de muita exclusão em que as crianças da classe trabalhadora e sem condições acabavam sendo prejudicadas. Já as famílias que tinham um pouco mais de condição, sabiam ler e escrever e tinham um pouco mais de acesso à escola elas ajudavam os filhos a fazerem as atividades, estimulavam e tinha a mediação familiar. Mas muitas não tinham condições pois trabalhavam no período do dia e chegavam em casa cansados e sem tempo devido para ajudar. Muitas vezes as crianças faziam por si mesmas as atividades por não ter ajuda, mas sem a mediação. Então essas crianças foram bem prejudicadas e acredito que foi uma exclusão mesmo, apesar do esforço dos professores, que aprenderam a usar as tecnologias, buscaram novas estratégias para ver se os alunos aprendiam e se as atividades se encaminharam.*

Como a professora nos relatou, independente do esforço dos professores, os alunos foram prejudicados da mesma maneira, pois mesmo que eles tivessem acesso a atividades em apostilas como nos foi dito anteriormente e que os professores ajudassem de alguma forma como no caso que foi relatado que aqueles que tinham o acesso ao WhatsApp podiam ter contato com os professores para tirarem dúvidas com mais frequência, a aprendizagem não ocorreu da forma que deveria. Além de dificuldades com o ensino, dificilmente os alunos tiveram mediações e estímulos em casa com seus familiares para realizarem as atividades e compreenderem “o que” e “como” era para serem feitas.

A mediação familiar seria um ponto importante para essas crianças, pois eles teriam apoio e não se sentiriam sozinhos nesse momento tão difícil e como

foi relatado pela professora, não iriam precisar fazer as atividades por si mesmas sem apoio, incentivo e explicação quando não compreendessem algo. Mas infelizmente, a situação dos familiares era outra, com muito trabalho, pouquíssimo tempo para se dedicar e ajudar seus filhos, algumas vezes tinham pouco acesso à escola para a ajuda ser significativa e quando as crianças eram deixadas com os avós, muita vezes os mesmos não eram alfabetizados e não podiam ajudar na resolução das atividades. Além de existirem situações difíceis com os alunos e suas famílias, os professores também sofreram e tiveram consequências com esse período delicado. Vejamos o final do relato da professora Rosana sobre os professores durante a pandemia:

Professora Rosana (2022)

*Foram momentos muito tensos, cansaço físico e mental dos professores foi demais. Os professores também tiveram momentos de formação aqui em Tijucas do Sul, foram momentos importantes, pois era o momento em que os professores desabafavam o que estavam vivendo. No total foram 20 encontros com discussões de várias temáticas e um momento de alívio para falar das dificuldades enfrentadas. Muitos professores ficaram doentes e tinham muito medo, ao mesmo tempo foi importante a troca de experiência que ajudava a fortalecer esses momentos vividos.*

Os professores durante o período da pandemia foram prejudicados assim como seus alunos e diante do relato da professora Rosana pudemos perceber que o professor também precisou de apoio, de incentivo e que ele também chegou a um ponto de exaustão física e mental. Mas esse foi um relato com pontos positivos por um lado, pois os professores receberam apoio e tiveram momentos de formação, os quais serviram para todos se incentivarem, dividirem experiências e desabafarem de situações difíceis durante a pandemia.

Para finalizar nossos relatos, a professora Fábiana nos trouxe também relatos de como foi o momento da pandemia na escola em que ela atua, vejamos o seguinte relato:

Professora Fábiana (2022):

*Sobre o período de pandemia no município de Almirante Tamandaré, nós tivemos um programa que foi chamado de Casa Semente que nós professores imprimimos as atividades, planejamos essas atividades e elas eram entregues nessas casas sementeiras. Eram pessoas da*

*comunidade onde a escola estava inserida e as famílias iam nessa casa buscar as atividades. Então poderia ser qualquer pessoa da comunidade geralmente, alguma liderança, comércio ou Igreja que faziam essas entregas e que dispôs a ser casa sementeira da unidade educacional.*

Com o relato da professora Fábيا, ficamos contentes em saber que tiveram pessoas ajudando um ao outro nesse momento tão difícil e que principalmente os alunos e suas famílias no município de Almirante Tamandaré foram tão bem atendidos pelas pessoas da comunidade que tinham uma condição melhor. Além de ajudarem na entrega de atividades para os alunos, as pessoas dessas casas sementeiras ajudaram também o professor, auxiliando-o e colaborando com seu trabalho e ficaram encarregados também de outras questões como fome, violência como nos contou a professora em seu relato:

Professora Fábيا (2022):

*Essas casas sementeiras ficavam responsáveis também em ver qualquer tipo de violência e levar até a gestora da unidade educacional. Inclusive nos casos de fome, pois também é uma violência e quando eram distribuídos alimentos, eles também iam para as casa sementeiras para serem entregues.*

O relato da professora sobre essa questão importante de violência e fome foi bem necessário para compreendermos que não são apenas fatores escolares como como a falta de atividades ou dificuldade na realização delas que prejudicou o aluno nesse período pandêmico, mas o conjunto desses fatores podem causar um dano bem maior no desenvolvimento do mesmo. Com isso, acaba sendo uma situação prejudicial para o trabalho significativo do professor também, o qual durante esse momento, se esforçou ao máximo para não deixar seus alunos sem estudo e sem um desenvolvimento na aprendizagem.

Os relatos que tivemos das professoras foram essenciais para nosso entendimento sobre a educação do campo e sobre a condição de trabalho dos professores. Além de termos relatos envolvendo nosso tema central do trabalho, que são as condições de trabalho dos professores, tivemos relatos sobre os alunos, sobre as famílias e comunidade que são sujeitos que influenciam diretamente no trabalho do professor.

É essencial percebermos que por mais difícil que seja a realidade da educação no campo, é uma riqueza existirem profissionais que não desistam dela, que não deixem que ela acabe ou que se perca sua essência, que seria suas principais especificidades. Diante dos relatos que recebemos notamos que, além dos profissionais que trabalham e lutam por uma Educação do Campo de qualidade, a comunidade presente é um fator muito importante para o desenvolvimento dessa educação, pois ela auxilia, apoia, incentiva e colabora como pode para que, principalmente, o trabalho do professor seja cada vez mais significativo, com condições de trabalho mais favoráveis e a aprendizagem dos alunos aconteça da melhor forma possível.

As condições de trabalho das profissionais de educação que atuam no campo, como pudemos observar no decorrer do capítulo, nos fazem refletir sobre as dificuldades que cada uma passou em comum, tanto no período que ingressaram como docentes nas escolas em que atuam, como também em todo o processo de formação das mesmas, desde formação inicial até a continuada e também durante o período da pandemia, o qual tem alguns relatos das professoras contando como foi difícil a situação se tratando das condições de trabalho dos professores das escolas do campo. Em relação ao período da pandemia, fizemos a leitura de um documento do FONEC que se refere ao ensino remoto nas escolas do campo e que não está de acordo com esta maneira de ensino dentro da realidade da educação do campo.

O documento do FONEC (Fórum Nacional de Educação do Campo) publicado em 2 de junho de 2022, intitulado “Pela reorganização do calendário escolar sem ensino remoto: em defesa do direito à educação do campo” nos diz respeito sobre a decisão do Ministério da Educação em vetar o item 2.16 do PARECER CNE/CP Nº: 5/2020, onde trata que não é possível considerar atividades remotas como dias letivos, em função da imensa desigualdade de acesso aos recursos tecnológicos no país. O FONEC repudiou veementemente a decisão, pois em abril do mesmo ano, considerou o Edital de chamamento do CNE (Conselho Nacional de Educação) e encaminhou o documento nomeado “Direito à Educação em tempos de pandemia: Defender a Vida é mais do que reorganizar o calendário escolar”, onde é possível verificar análises sobre diversas violações que não se alinham ao que o FONEC propõe, como a

indicação de que serão ministradas aulas e atividades a distância, sem considerar as condições para que isso possa acontecer qualitativamente durante o período de Pandemia. Ou seja, o que é relatado nos documentos, é vivenciado de maneira parcialmente diferente, dependendo da realidade de cada educando em questão, gerando desigualdade em função das diferenças de acesso às tecnologias. O FONEC mostra-se coerente ao direito fundamental à educação dos docentes dos povos tradicionais e camponeses, e estão cientes da realidade dos docentes, como é relatado no documento:

Em relação às educadoras e educadores das escolas do campo, o que os relatos apontam é que os mesmos estão sendo submetidos a uma sobrecarga de trabalho neste cenário de pandemia. O uso do ensino-remoto, quando possível, corroborou com a necessidade de uso das redes sociais com o objetivo de facilitar o diálogo com as famílias. Tal fato tem elevado o trabalho dos professores para além da carga horária habitual dedicada às aulas, uma vez que dúvidas e esclarecimentos ocorrem em qualquer momento do dia. Professores/as sinalizam que também estão atingidos/as pela pandemia e se encontram em isolamento social, necessitando conciliar o trabalho doméstico, o ensino remoto e, em alguns casos, o acompanhamento dos seus próprios filhos em atividades escolares. (FONEC, 2022)

Com a leitura e discussões feitas em relação a este documento do FONEC, o qual podemos relacionar com a situação das condições de trabalho dos professores que atuam nas escolas do campo, assim como a situação das professoras que nos relataram sobre esse momento, é possível notar o quão inconveniente foi o ensino remoto para a educação do campo pela desigualdade de acesso como foi dito no documento. Para os docentes das escolas do campo o ensino remoto foi e é algo de difícil uso ainda, pois tanto eles quanto a maioria de seus alunos não conseguem ter acesso às plataformas necessárias para a mediação das aulas e atividades.

Os docentes que atuam nas escolas do campo ainda possuem condições de trabalho difíceis e desiguais, eles lutam por uma educação de qualidade e de direito deles e até mesmo de seus alunos que acabam sendo prejudicados juntos. Além da luta do docente, é necessária a luta em conjunto com a comunidade que apoia e colabora com este profissional, visando sempre a

melhora da educação, uma educação de qualidade que as pessoas que vivem no campo merecem ter também.

Educar exige muito mais do que conhecimento prévio ou extenso dos conteúdos curriculares, mas também ter consciência da fundamental importância na construção de uma educação de qualidade para os sujeitos do campo.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após a realização dos estudos para se compreender as condições de trabalho dos professores que atuam nas escolas no/do campo e das análises feitas a partir dos relatos orais das cinco professoras que atuam em escolas do campo dos municípios do estado do Paraná, percebemos que ainda existem questões a serem trabalhadas e melhoradas para o melhor desenvolvimento do trabalho desse professor. Sabemos que não apenas o trabalho do professor será modificado com estas melhorias, mas também a aprendizagem dos alunos e a escola em si.

Ao decorrer do primeiro capítulo deste trabalho, tivemos por base autores que em seus artigos tratavam do nosso tema central, o qual é sobre as condições de trabalho de professores de escolas no/do campo. Podemos elencar alguns autores e autoras principais como: Kuenzer e Caldas (2009), Machado e Tsuchiya (2021) e Souza (2009), Souza (2016).

Encontramos e destacamos nesses artigos questões que devem ser enriquecidas como foi exposto anteriormente, sendo algumas delas: a infraestrutura dessas escolas, transporte, formação dos professores, materiais didáticos. Todas essas questões interferem no trabalho do professor e fizeram com que compreendêssemos o mesmo em diversos âmbitos, como a relação

que os docentes têm com a comunidade e com os próprios alunos, onde deve ou até mesmo está se desenvolvendo uma comunicação mútua, para que o principal interesse de ambos esteja sempre amparado, ou seja, o aluno. E para que isto ocorresse de forma coerente, foi preciso conhecer e entender o educador do campo, saber quem ele é, qual objetivo ele busca ter em seu trabalho que envolve os sujeitos do campo juntamente com a comunidade, onde seu trabalho de certa forma torna a formação humana o seu ponto principal.

Logo após entendermos sobre a sua formação inicial, onde foi possível perceber que independente se o mesmo a realizou na modalidade a distância ou presencial, ficou evidente que em nenhum momento o seu desenvolvimento foi mediado diretamente para a concepção da Educação do Campo. As pessoas que vivem no campo estão em uma luta constante para conseguirem seus direitos e um acesso a educação de qualidade, pois infelizmente há políticas públicas que não atingem a todos, principalmente as escolas que possuem uma infraestrutura mais precária, difícil acesso, entre outros.

No segundo capítulo, cinco professoras (Fabiana, Rosana, Adriana, Marilei e Fábria) que atuam em escolas do campo do município do estado do Paraná (Fazenda Rio Grande, Tijucas do Sul, Lapa, Campo Largo e Almirante Tamandaré), respectivamente, através de diálogos via WhatsApp iniciamos uma conversa com as mesmas sobre a relação que há entre elas e a escola que atuam. Assuntos como Infraestrutura da escola, transporte escolar, formação inicial e continuada, trajetória na Educação do Campo, hora atividade foram relatados e discutidos.

Além das questões do cotidiano escolar, não poderíamos deixar de falar e discutir com elas sobre o momento crítico que vivemos e afetou diretamente a educação como um todo, que foi a pandemia por conta do Covid-19, onde os docentes tiveram que se reinventar para a nova modalidade de ensino que foi oferecido. No campo e nas escolas do campo o cenário não foi diferente, houveram prejuízos na educação, no trabalho destas professoras e na aprendizagem dos alunos e como nos foi relatado por uma das professoras, a palavra que definiu este momento tão delicado para a comunidade escolar foi

"excluído", pois a falta de acesso e de condições para acompanhar as modalidades de ensino oferecidas nesse momento foram a maioria.

Para finalizar, este trabalho nos permite problematizar as condições de trabalho dos professores das escolas do/no campo que possuem precariedade em diversos âmbitos. Podemos citar a dificuldade de transporte escolar dos professores e alunos por questões climáticas e a distância para chegar até a escola, o material didático que às vezes não vem de acordo com a realidade do professor e do aluno, por exemplo o que foi citado nos relatos por uma das professoras dizendo que elas recebem o mesmo material que é usado nas escolas urbanas, porém precisa haver mudanças na prática pedagógica para se aproximar do contexto em que vivem. Além de transporte e material didático, os ambientes existentes nas escolas (bibliotecas, quadras, laboratórios, entre outros) também influenciam no trabalho dos professores e nas metodologias que eles podem usar em suas aulas, tornando a aprendizagem do aluno mais significativa e o seu trabalho ainda mais gratificante.

Entretanto, são questões que esperamos que melhorem com o tempo e que em algumas escolas já estão evoluindo por conta das lutas realizadas no movimento da educação do campo, as quais fazem com que as escolas se transformem e aconteçam mudanças positivas, seja por políticas públicas ou até mesmo das relações que os sujeitos do campo têm entre si e com a escola, pois em meio a tanto "esquecimento" que ocorre com as escolas do campo, encontramos professoras e escolas que se preocupam com o descaso que os mesmos têm, buscando assim alternativas de melhorias, gerando consciência e despertando possibilidades de mudança. Desta forma, é imprescindível que olhares se voltem ainda mais para a Educação do Campo, e que mais políticas públicas sejam construídas na área com valorização do trabalho docente.

#### 4. REFERÊNCIAS

ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. Desafios e perspectivas na Formação de educadores: reflexões a partir do curso de Licenciatura em educação do Campo Desenvolvido na FAE/UFMG. In: SOARES, Leôncio et al. (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 389-406.

ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. MARTINS, Aracy Alves. Formar docentes para a educação do campo: Desafios para os movimentos sociais e para a Universidade. In: ROCHA, Maria Isabel Antunes. MARTINS, Aracy Alves. (Org.) **Educação do campo: desafios para a formação de professores**. Autêntica. Belo Horizonte. 2009.

CALDART, Roseli Salete. **A escola do Campo em movimento**. Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, pp.60-81, Jan/Jun 2003.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento sem-terra**: escola é mais do que escola. Petrópolis: Vozes, 2000.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CALDART, Roseli Salete. **O lugar da escola na pedagogia do MST**. Revista Educação Pública. Fundação Cecierj, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/o-lugar-da-escola-na-pedagogia-do-mst>. Acesso em 1 Ago.2022

CALDAS, A; KUENZER, Acácia. **Educação em Debate**. Cap. 5. Curitiba. UTP. 2009.

CAMARGO, Tainara Almeida. **Escola Rural e Escola do Campo: Identidade Político- Pedagógica**. Ponta Grossa, 2016.

**Cartilha do transporte escolar** / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP – Brasília: (mimeo) 2005. Disponível em: <http://www.fnede.gov.br>.

ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO- Caderno Didático- Módulo II. Introdução à Educação do Campo. ALMEIDA, de Rosemeire Aparecida, GUERRA, Miriam Darlete Seade. Ministério da Educação – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- MS, 2009.

FERREIRA, Lúcia. **Professores rurais: histórias que revelam a vida**. Curitiba. UTP. 2013.

FONEC. **Pela reorganização do calendário escolar sem ensino remoto: em defesa do direito à educação do campo**. Junho de 2020.

FONEC. **RESISTÊNCIA ATIVA: A Educação do Campo e os desafios para 2022**. Brasília. 2022.

HENRIQUES, Ricardo; MARANGON, Antonio; DELAMORA, Michiele; CHAMUSCA, Adelaide. **Educação do campo: diferenças mudando paradigmas**. Departamento de Educação para a Diversidade e Cidadania. (secad/MEC). Brasília, Fevereiro de 2007.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MACHADO, Vitor; TSUCHIYA, Amanda. **A Educação do Campo: um estudo sobre as condições das escolas dos assentamentos de Reforma Agrária**. Disponível em: <<https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/20630>>.

MELO, A.O.; AMARO, C.T.C. Uma breve reflexão sobre a formação dos educadores em pedagogia da alternância das Casas Familiares Rurais. In: I SIFEDOC – I SEMINÁRIO INTERNACIONAL E I FÓRUM DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA REGIÃO SUL DO RS: CAMPO E CIDADE EM BUSCA DE CAMINHOS COMUNS, 1., 2012, Pelotas/RS. Anais... Pelotas/ RS: Universidade Federal de Pelotas, 2012.

MEC. Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas. Brasília/DF: 2007. (Coleção Cadernos SECAD, 2).

MOLINA, Monica Castagna. **Expansão das licenciaturas em Educação do Campo: desafios e potencialidades**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 55, p. 145-166, jan./mar. 2015.

MOLINARI, Claudia. **Diversidade no avanço de classes multisseriadas**. Revista Nova Escola. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/politicas->

[publicas/modalidades/diversidade-ajuda-avanco-427132.shtml](#)>. Acesso em 31 Jul.2022

MUNARIM, Antônio. **Elementos para uma política de Educação do Campo**. In: MOLINA, Mônica Castagna (Org.). Educação do Campo e pesquisa: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p. 17-26. Disponível em:<<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Educa%C3%A7%C3%A3o%20do%20Campo%20e%20Pesquisa%20-%20Quest%C3%B5es%20para%20reflex%C3%A3o%20-%20M%C3%B4nica%20Castagna%20Molina%20-%20MDA,%202006.pdf>>. Acesso em 26 Out 2022

PARO, Vitor Henrique. **Parem de preparar para o trabalho!!!** Reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão escolar e sobre o papel da escola básica. São Paulo: USP, 1999.

PATTO, Maria Helena Souza. O ensino a distância e a falência da educação. **Revista Educação e Pesquisa** [online], São Paulo, v. 39, n.2, p. 303-318, abr./jun. 2013.

PALUDO, Conceição. **Educação Popular e Movimentos Sociais**. Novo Hamburgo, 2005.

PRADO, Eliane Mimesse; SOUZA, Maria Antonia; FERREIRA, Naura Syria Carapeto. **Educação em Debate**. Curitiba, 2009.

SOUZA, Maria Antônia, **O movimento da Educação do Campo, as tensões na luta por um direito social e os sinais da construção de políticas públicas**. EccoS Revista Científica, vol. 11, núm. 1, enero-junio, 2009, pp. 39-56.

SOUZA, Maria Antônia. **A Educação é do campo no estado do Paraná?** In: SOUZA, Maria Antônia de (org.). Práticas Educativas no/do Campo. Ponta Grossa: UEPG, 2011, p. 25- 40.

SOUZA, Maria Antônia de. **A Educação do Campo no Brasil**. (2016). In: SOUZA, Elizeu Clementino de; CHAVES, Vera Lúcia Jacob. (orgs.). (2016). Documentação, Memória e História da Educação no Brasil: diálogos sobre políticas de educação e diversidade. Vol. 1. Tubarão: Copiart. P. 133- 158.

SOUZA, Maria Antônia de et al (org.). Formação de professores das escolas localizadas no campo em municípios da Região Metropolitana de Curitiba. In: SOUZA, Maria Antônia de (org.). Escolas públicas no/do campo: letramento, formação de professores e prática pedagógica. Curitiba: Editora Cao, 2016. p. 75-112.

VIEIRO, Janisse; MEDEIROS, Liziany Muller. **Princípios e concepções da educação do campo**. Disponível em: <[https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/18361/Curso\\_Lic-Educ-Camp\\_Principio-Concep%C3%A7%C3%B5es-Educa%C3%A7%C3%A3o-Campo.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/18361/Curso_Lic-Educ-Camp_Principio-Concep%C3%A7%C3%B5es-Educa%C3%A7%C3%A3o-Campo.pdf?sequence=1)>. Acesso em 2 Ago.2022.

